



FUNDAÇÃO
CALOUSTE
GULBENKIAN



**PROGRAMA GULBENKIAN CRIATIVIDADE
E CRIAÇÃO ARTÍSTICA CINCO ANOS DEPOIS**
AMADEO ÚLTIMO VOLUME DO CATÁLOGO RAISONNÉ
ELEKTRA, NORMA, MEDEIA EM VERSÃO DE CONCERTO

ÍNDICE

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO..... 2

ACTUALIDADE

TÃO PERTO / TÃO LONGE – FILMES EM DVD.....	4
O PASSADO E O PRESENTE.....	7
AMADEO RAISONNÉ.....	8
FORMAR LEITORES PARA LER O MUNDO.....	8
AGIR-AMBIENTE ELEGE 15 PROJECTOS.....	10
PARTILHAR O FUTURO.....	10
HEROÍNAS TRÁGICAS DA ANTIGUIDADE.....	11
APOIO À INVESTIGAÇÃO EM ONCOLOGIA.....	12
DESCOBERTO NOVO MECANISMO QUE REGULA A FORMAÇÃO DE VASOS SANGUÍNEOS.....	12
A EVOLUÇÃO DE DARWIN.....	13
EXPOSIÇÕES EM CARTAZ – ÚLTIMOS DIAS.....	16
SIMETRIAS SUBLIMES EM WASHINGTON.....	16

DESTAQUE

DUAS GERAÇÕES DE ARTISTAS.....17

BREVES

NOVO DIRECTOR DO SERVIÇO DE MÚSICA.....	24
HTTPS://REFVIRTUAL.GULBENKIAN.PT	24
JOVENS INVESTIGADORES RECEBEM APOIO.....	24
PLATAFORMA IMIGRAÇÃO – GALARDOADOS 2008.....	25
COLABORAÇÃO ENTRE FUNDAÇÕES EUROPEIAS.....	25
DURÃO BARROSO VISITA CENTRO CULTURAL GULBENKIAN.....	25
1º CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE TIMOR-LESTE.....	26
NUNO JÚDICE – NOVO DIRECTOR DA COLÓQUIO-LETRAS.....	26
EDUARDO PRADO COELHO HOMENAGEADO EM PARIS.....	26

LIVROS

DARK MATTER.....	27
A SAÚDE E O AR QUE RESPIRAMOS.....	27
CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SUCESSO/INSUCESSO.....	27

UM ROSTO DA HISTÓRIA

HELENA SILVA.....28

UM ROSTO DAS BELAS-ARTES

DANIEL BARROCA.....29

UMA OBRA DA BIBLIOTECA DE ARTE

BYZANTIUM 330-1453.....30

UMA OBRA DO MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN

ÉDOUARD MANET, O RAPAZ DAS CEREJAS.....31

UMA OBRA DO CENTRO DE ARTE MODERNA

JOÃO GALRÃO, #38.....32

AGENDA.....33

NEWSLETTER Nº 99. JANEIRO. 2009

ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação

Elisabete Caramelo | Leonor Vaz | Sara Pais | Patrícia Fernandes

Av. de Berna, 45 A – 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00, fax 21 782 30 27

info@gulbenkian.pt, www.gulbenkian.pt

REVISÃO DE TEXTO Rita Veiga [dito e certo]

FOTO DA CAPA © Bárbara Assis Pacheco (PGCCA)

DESIGN José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | Tânia Reis [DDLX]

IMPRESSÃO Euroscanner

TIRAGEM 12 000 exemplares



MENSAGEM DO PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO

2008 termina num ambiente carregado de nuvens negras e de grande incerteza. A crise financeira desencadeada no Verão do ano passado nos Estados Unidos ganhou dimensão e velocidade inesperadas, estendendo-se às demais economias, desenvolvidas e emergentes, e assumindo uma escala global sem precedentes. Apesar dos esforços das autoridades e dos bancos centrais, os efeitos da crise transmitiram-se aos sectores da chamada economia real com quedas acentuadas da procura, aumento do desemprego e, em muitos casos, crescimento negativo do produto. As instituições do Sector Não Lucrativo foram igualmente afectadas, com uma diminuição generalizada dos recursos disponíveis para o investimento social.

O valor do património da Fundação não escapou, por isso, à queda acentuada dos mercados bolsistas nem à pronunciada baixa do preço do petróleo na parte final do ano. É pois num quadro de prudência que temos de encarar o futuro próximo, conscientes, no entanto, de que é precisamente em contextos de retracção económica que a nossa intervenção pode demonstrar um valor acrescentado ao nível das necessárias mudanças sociais. A Fundação possui um capital de experiência acumulada nas suas diferentes áreas de acção que irá seguramente orientar-nos neste



período difícil, impondo-se uma intervenção esclarecida e uma mobilização de todos os nossos recursos, financeiros mas sobretudo humanos.

A Fundação manteve, ao longo de 2008, uma actuação diversificada e prosseguiu a linha inovadora que temos reclamado como resposta adequada e necessária face às profundas mudanças operadas nas sociedades onde intervimos. Duas grandes questões são assumidas como estruturantes: a convivência entre diferentes culturas, etnias e religiões e a relação entre o homem e a natureza.

Vamos prosseguir em 2009 a renovação temática e organizativa da Fundação, preparando-a para uma intervenção que ambiciona a maximização do impacto das nossas actividades, segundo uma lógica informada de apresentação de resultados concretos que promovam respostas eficazes às causas dos problemas locais, nacionais, regionais e globais que enfrentamos. Por este motivo foi criada uma nova linha orçamental para apoiar projectos inovadores que privilegiem a multidisciplinaridade, a cooperação internacional e a parceria com outras instituições. A filantropia deste século deve ser articulada, assumindo-se como um movimento que não se compadece com intervenções isoladas

e atomistas, devendo antes obedecer aos princípios da transparência, da parceria e da aprendizagem mútua. A Fundação, em Portugal, com presença em Paris e Londres, e intervenção noutros continentes, encontra-se numa posição privilegiada, de confluência de diferentes perspectivas.

Em períodos de turbulência e de incerteza, como o que vivemos, o papel das Fundações, como instituições que operam no longo prazo, ganha uma relevância particular pela resposta que delas se espera ao agudizar de problemas persistentes, ao ressurgimento de carências que se julgavam ultrapassadas e à emergência de novas dificuldades. É a nossa capacidade de inovar nas soluções e de alargar a inclusão que está à prova. Como noutros momentos no passado, penso que saberemos manter a serenidade e a clareza necessárias para interpretar e ultrapassar a corrente tumultuosa dos acontecimentos do dia a dia. É um repto que deve representar uma oportunidade e constituir um estímulo para a nossa acção. ■

Bom Ano!

Emílio Rui Vilar

ACTUALIDADE

TÃO PERTO TÃO LONGE

FILMES EM DVD

As curtas-metragens produzidas em 2007, por encomenda do Programa Gulbenkian Distância e Proximidade, vão estar disponíveis em DVD a partir deste mês. No âmbito da discussão sobre a Interculturalidade, vinte realizadores de diferentes nacionalidades foram convidados a participar no projecto **Tão Perto/Tão Longe**, tendo sido proposto a cada um a realização de um filme de cinco minutos sobre a história de um objecto ou de uma prática cultural cuja origem histórica se tenha diluído com a globalização. As escolhas dos realizadores recaíram sobre temas variados, tais como a origem do *bandoneon*, instrumento-chave do tango e símbolo cultural por excelência da Argentina, que foi inventado na Alemanha e que atravessou o Atlântico pela mão de emigrantes por volta de 1900; ou a tradição das mulheres da Namíbia da tribo Herero, que continuam a trajar ao estilo vitoriano, mais de cem anos depois da descolonização do país; ou ainda a gravata, um acessório de vestuário que tem a sua origem numa prática que se generalizou entre os soldados croatas no século XV. Do grupo de realizadores seleccionados para este projecto fazem parte quatro portugueses: André Godinho, Tiago Hespanha, Rui Xavier e Margarida Cardoso, que nos deixa nestas páginas um testemunho sobre o seu filme, o qual a levou a Cabo Verde (ilha do Fogo) para encontrar o clã Montrond, uma pequena comunidade que descende de um aristocrata francês. ■



O CÓDIGO DA VIDA DE A. MONTROND **UM FILME DE MARGARIDA CARDOSO (PORTUGAL)**

No interior da cratera do vulcão do Fogo, uma pequena ilha de Cabo Verde, vive uma comunidade de crioulos muito especial. São de feições e pele negra, mas têm olhos e cabelos muito claros. São o clã dos Montrond. Descendentes do lendário conde francês Armand de Montrond, criaram a sua identidade à volta da figura mítica desse aristocrata, reivindicando para si um passado que nunca viveram, tão distante da sua realidade.

PONTO ZERO – OS DESCENDENTES DE A. MONTROND

DEPOIMENTO DA REALIZADORA

“Talvez a consequência mais relevante, a todos os níveis, do chamado convívio global, proporcionado pela descompartimentação do mundo, tenha sido a miscigenação entre grupos europeus e africanos.

Escolhi falar dos Montrond porque são um caso exemplar da sociedade crioula de Cabo Verde. As suas características físicas mostram de uma forma muito evidente a sua origem miscigenada. Naturalmente, englobaram e transformaram influências que vieram doutros lugares para a construção da sua história, da sua identidade. Esta ‘mestiçagem consciente’ faz com que estes crioulos se encontrem, não numa zona de contacto de duas origens distintas, mas numa zona de anulação dessas mesmas origens, uma espécie de ponto zero. Também me interessou a figura nuclear da construção desta identidade, o conde Armand de Montrond. Ele próprio é um exemplo do carácter multifacetado do fenómeno expansionista, onde inúmeros indivíduos seguiram percursos inesperados que não se inscreviam na lógica dos grupos sociais a que pertenciam. Armand de Montrond, cujo destino provável seria uma pacata vida de médico algures na região de Lyon, acabou como um mítico ‘povoador’ aventureiro, agricultor, comerciante, curandeiro e justiceiro, numa ilha vulcânica, pouco mais que entreposto de escravos no meio do Atlântico...”



A BURCA VERMELHA

UM FILME DE ROKANA POPE (INGLATERRA/IRÃO)

Algumas mulheres do Irão usam as burcas enquanto máscaras, como um objecto de beleza, e as suas cores brilhantes contrastam com os *hijabes* e *chadores* negros. Diz a lenda que as mulheres começaram a usar essas máscaras para se parecerem com os pássaros e se confundirem com a paisagem, escapando dessa forma aos invasores estrangeiros. Numa impressionante viagem visual através das paisagens do sul do Irão, o filme leva-nos atrás das máscaras, para descobrir as vidas das mulheres que ainda as usam.

DESAFIAR ESTEREÓTIPOS SOBRE O IRÃO

DEPOIMENTO DA REALIZADORA

“Quando me perguntaram qual o objecto que eu gostaria de filmar para o projecto **Tão Perto/Tão Longe**, pensei imediatamente na burca vermelha. Como sou iraniana, estou familiarizada com a burca vermelha há muito tempo, mas também sei que fora do Irão muito pouca gente viu ou ouviu falar disso. É fascinante a vários níveis porque não é uma

imposição, é um adereço de vestuário, e este aspecto põe logo em causa a nossa visão das mulheres no Irão. Fica-se muito impressionado quando se olha para a burca vermelha pela primeira vez, por causa do seu dramatismo. Nunca esquecerei a primeira vez que viajei pelo Sul do Irão e vi mulheres usarem-na enquanto tratavam das suas tarefas quotidianas, quando faziam compras nos bazares ou falavam ao telemóvel. As máscaras remetiam para um mundo antigo, com as mulheres sobrepostas a um cenário contemporâneo. Fiquei com curiosidade de pesquisar e saber a sua história. Descobri que Marco Pólo viu as máscaras nas muitas viagens que fez e as levou para Veneza. Diz-se que a burca vermelha está na base das máscaras do Carnaval de Veneza. Este facto foi para mim uma revelação maravilhosa, porque trazia um novo sentido ao filme. Quando concebi o projecto achei que as máscaras deveriam revelar as vozes contemporâneas das mulheres do Sul do Irão, através de entrevistas. Portanto o filme ‘desmascara’ e revela alguns pormenores das vidas dessas mulheres. Também em termos de narrativa em curta-metragem, que é importante que seja simples, eu sabia que utilizar a burca vermelha como objecto me dava a possibilidade de construir a minha história em torno de uma linha visual. O filme começa com uma mulher atrás da burca e, no fim, tiramos-lhe a máscara e vemos o rosto dela. Também espero que ao filmar um objecto de cores tão vivas e vibrantes, nas paisagens do Sul, cheias de cor e com o mar em fundo, isso possa ser um desafio à imagem estereotipada dos media sobre o Irão, cuja principal característica parece ser sempre o tom escuro e triste, tanto a nível cromático como de um estado de espírito.”

MAOMÉ, POSTAL 106

UM FILME DE BRUNO ULMER (FRANÇA)

Desde o fim dos anos 90, circula nalgumas regiões do Irão um retrato de Maomé, quando adolescente, muito diferente da iconografia tradicional. A pose é ocidental e evoca o maneirismo da Renascença tardia. Os lábios entreabertos, a pele voluptuosa, a expressão gentil dos olhos... O acaso de uma exposição permitiu identificar a fotografia original, tirada no início do século XX por um fotógrafo suíço. Como é que esta imagem destinada a um público europeu colonial se transformou, 80 anos depois, num símbolo popular do Irão muçulmano? >





O QUE PROJECTAMOS NUMA IMAGEM?

DEPOIMENTO DO REALIZADOR

“Uma história revela sempre outras histórias. Esta começou com um acontecimento fortuito e surpreendente: um casal de etnólogos suíços, Pierre e Micheline Centlivres, em passeio pelas ruas de Paris, deparou com o retrato de um adolescente tunisino, exposto numa galeria de arte. A imagem, assinada por Rudolf Lehnert, um fotógrafo orientalista suíço, tinha sido feita em Tunes, em 1906. O retrato pareceu-lhes familiar. São ambos especialistas em imagética religiosa do mundo muçulmano xiita e há muitos anos que percorrem os mercados no Irão à procura dos cartazes com figuras religiosas que deixam os iranianos em êxtase. A fotografia do jovem tunisino assemelhava-se a um cartaz iraniano que já lhes tinha despertado a atenção, mas sempre pensaram que seria improvável encontrar um desses exemplares: um retrato de Maomé, Profeta do Islão, na adolescência...



LA CUCARACHA

UM FILME DE AFRA MEJÍA (MÉXICO)

Esta curta-metragem é como um díptico. A primeira parte baseia-se na vivência da realizadora, nos seus contínuos encontros com uma canção popular mexicana, que aparece e reaparece, omnipresente em diversos e estranhos contextos, mas geralmente folclorizada e reconstruída à medida do imaginário ‘latino’ ou ‘mexicano’. Esvaziada do seu sentido original.

Na segunda parte do díptico, procura-se a alma dessa canção. Evoca-se a memória de um passado que ainda se pode filmar no presente: um longo plano-sequência que regresse ao sentido original da canção, através dos rostos daqueles que continuam em resistência no México de hoje.

Começaram a investigar. E descobriram um postal, feito a partir da fotografia de Lehnert nos anos 20, que foi difundido nessa época em países do Médio Oriente. O título do postal dava ao adolescente tunisino o primeiro nome do Profeta – Maomé. Foi assim que, quase meio século mais tarde, um editor iraniano acreditou reconhecer nesta imagem do postal o verdadeiro retrato do Enviado de Deus para os muçulmanos. Fez cartazes com essa imagem e nasceu uma lenda em torno da sua origem, que a atribuía a uma pintura feita por um cristão da Síria, no final do século VI. De orientalista e profano, o retrato tornou-se para os iranianos uma imagem lendária e sagrada, aprovada pelo próprio Khomeini. Qual terá sido o percurso desta imagem, no tempo, no espaço mediterrânico e oriental, para que pudesse encarnar, ‘em aparência’, dois significados tão diferentes? Dizemos ‘em aparência’ porque, no fundo, se trata de uma história sobre o olhar. A imagem só vale pelos significados que projectamos nela.”

LA CUCARACHA:

DA REVOLUÇÃO AOS TOQUES DE TELEMÓVEL

DEPOIMENTO DA REALIZADORA

“Aos 18 anos cumpri um ritual latino-americano de classe média: fiz uma viagem à Europa. Para (sobre)viver tomava conta de uma menina parisiense do 7º Bairro [7^{ème} arrondissement] e, um dia, qual não foi a minha surpresa quando descobri que a única coisa que a criança sabia em castelhano era cantar um *corrido* da Revolução Mexicana de princípios do século XX. Ainda por cima, a interpretação graciosa dela terminava com um *o-léee* muito andaluz. Com o passar do tempo, descobri também que a mãe da criança estava convencida de que o meu pai andava de burro e que *La Cucaracha* era uma canção que cantavam em Sevilha de vestido vermelho às bolas brancas. Desde então, *La Cucaracha*, reduzida a uma estrofe, ou às vezes só à melodia, esvaziada de sentido e convertida em produto mexicano, persegue-me para onde quer que eu vá. A última surpresa foi o seu sucesso com a entrada no mundo dos toques para telemóvel. E agora, ironia do destino, estou a filmar um documentário em Chiapas, onde um grupo de rebeldes indígenas mexicanos resgatou do esquecimento a imagem do revolucionário Emiliano Zapata e o transformou em ícone da sua luta. Dois símbolos de uma Revolução que está à beira de cumprir 100 anos: a *cucaracha* está morta, mas Zapata permanece vivo.”



Imagem de *O Passado e o Presente*

MANOEL DE OLIVEIRA **O PASSADO E O PRESENTE**

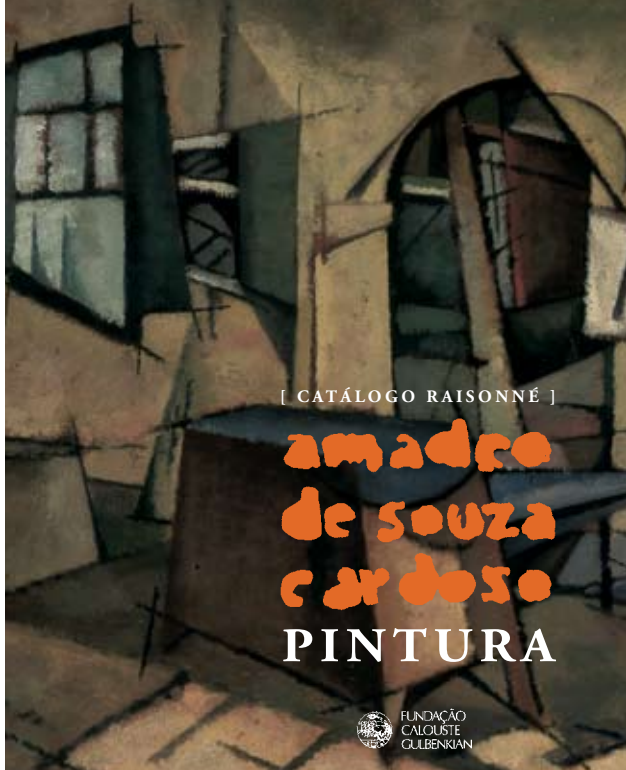
Em 1970, Manoel de Oliveira filmou *O Passado e o Presente*, o filme que marcou a viragem na sua carreira enquanto realizador. Até aí, aos 62 anos de idade, Oliveira tinha realizado apenas duas longas-metragens, sete curtas e uma média-metragem. Como conta João Bénard da Costa no livro *Cinema Português – Anos Gulbenkian*, “o caso Manoel de Oliveira começou com este filme, como com este filme começou a relação dele com a Gulbenkian”.

Apoiado pela Fundação nesta fase inicial, Oliveira não mais saiu do *plateau* e assinou quase três dezenas de filmes até hoje. Em 2006, foi convidado para realizar o filme comemorativo dos 50 anos da instituição, com o filme *O Improvável não É Impossível*. Recebeu ainda o apoio da Fundação para os filmes *Cristóvão Colombo – o Enigma* e *Singularidades de uma Rapariga Loira*, o seu mais recente projecto.

Para assinalar o centésimo aniversário do realizador, o Centro Cultural Gulbenkian promove uma homenagem no dia 14, em Paris, em que Manoel de Oliveira estará presente. ■



Imagens de *O Improvável não É Impossível*, filme que assinala os 50 anos da FCG.



AMADEO RAISONNÉ

O volume que completa o catálogo *raisonné* de Amadeo de Souza-Cardoso, dedicado à pintura, já está disponível ao público. Este projecto editorial, iniciado em 2001 pela Fundação, através de uma equipa de investigação constituída para o efeito (coordenada por Helena de Freitas, e com a destacada colaboração de António Cardoso, director do Museu de Amarante), teve como primeiro objectivo a realização de um exaustivo processo de inventariação e catalogação da obra de Amadeo de Souza-Cardoso e de actualização informativa sobre cada uma das obras apresentadas. No decorrer deste projecto, o corpo de obra conhecida do artista cresceu significativamente, assim como as informações documentais que a contextualizam. Apresenta-se um total de 209 pinturas.

O projecto chegou a 2008 com a equipa reorganizada com o auxílio de um outro modelo operativo. Ao núcleo principal juntou-se o apoio consultivo de uma comissão científica independente (António Rodrigues, Raquel Henriques da Silva, Rui Mário Gonçalves), na elaboração de pareceres sobre a autenticidade de obras em dúvida.

A necessidade de legitimar as obras do artista levou a equipa a procurar parceiros nestas áreas de especialidade. O núcleo do Departamento de Conservação e Restauro, FCT-UNL, foi responsável por um estudo sobre a paleta molecular do artista, que se publica neste catálogo.

Para além da catalogação das obras, são publicados textos de Helena de Freitas, António Cardoso, Maria João Melo, Márcia Vilarigues, Sara Babo e Catarina Alfaro. O volume reúne ainda uma selecção de textos e depoimentos de artistas plásticos sobre a obra de Amadeo de Souza-Cardoso. ■

CONGRESSO INTERNACIONAL DE PROMOÇÃO DA LEITURA

Durante dois dias, na Fundação Gulbenkian, serão discutidas e analisadas as políticas, as estratégias, os métodos e os instrumentos para a formação de novos públicos leitores. Organizado pelo portal Casa da Leitura (um projecto apoiado pela Fundação), o Congresso Internacional de Promoção da Leitura tem como linha orientadora a “formação de leitores competentes” através de três painéis centrais: Literatura para a Infância e Formação de Leitores; Estratégias de Leitura e Compreensão Leitora; Projectos de Promoção da Leitura. Em cada painel, haverá sempre uma conferência principal seguida de comentário por três oradores. A discussão em cada painel é remetida para sala à parte, na presença do orador e de comentadores, submetida a inscrição prévia. Querem os organizadores que desta nova fórmula nasça uma discussão e um tratamento dos temas mais “aprofundado e produtivo”.

Escritores, linguistas, professores e especialistas nesta área, portugueses e estrangeiros, darão o seu contributo, nos dias 22 e 23, para uma maior competência e capacidade dos novos leitores. O Congresso vai trazer à Fundação Gulbenkian vários nomes consagrados como os do escritor Fernando Savater, Michel Fayol ou Peter Hunt, da Universidade de Cardiff, no Reino Unido. Hunt será o conferencista de abertura no painel sobre Literatura para a Infância e Formação de Leitores, trazendo os seus conhecimentos e experiência no campo da literatura para crianças. Este painel será comentado por Lawrence



Sipe, da Universidade da Pensilvânia, Sandra Lee Beckett, da Universidade de Brock, no Canadá, e por Maria Nikolajeva, de Cambridge.

Para a discussão sobre Estratégias de Leitura e Compreensão Leitora, a professora da Universidade Autónoma de Barcelona, Teresa Colomer, apresentará algumas reflexões sobre a criação de hábitos de leitura e a relação com a escola, nomeadamente a leitura autónoma, a leitura partilhada na sala de aula, a relacionada com os objectivos escolares e ainda a leitura acompanhada pelos docentes. Este painel terá como comentadores Michel Fayol, do Observatório Nacional da Leitura francês e autor de vários livros, Pedro Cerrillo da Universidade de Castilla La Mancha e Pep Duran, o livreiro e grande impulsionador de espaços de leitura para crianças.

No segundo dia da conferência, a 23 de Janeiro, a conferência de abertura no painel sobre Projectos de Promoção da Leitura caberá a António Nóvoa, da Universidade de Lisboa com os comentários de Galeno Amorim, do Observatório do Livro e da Leitura brasileiro, Dolores Lopez-Casero, que apresentará as experiências da Fundació German Sanchez Ruiperez no que toca à promoção da leitura nas famílias com filhos pequenos, e António Prole, com uma intervenção sobre o projecto Gulbenkian Casa da Leitura. A tarde seguirá com um fórum sobre cada um dos três painéis da conferência, em simultâneo e mediante inscrição prévia. Antes da sessão oficial de encerramento, a leitura estará em discussão com o escritor Fernando Savater, José Barata-Moura e Eduardo Marçal Grilo, num debate moderado por António José Teixeira. ■

PROGRAMA

22 DE JANEIRO, QUINTA

SESSÃO DE ABERTURA

9H00

Ministério da Cultura; Fundação Calouste Gulbenkian; Projecto Gulbenkian Casa da Leitura

LITERATURA PARA A INFÂNCIA E FORMAÇÃO DE LEITORES

9H45

Conferencista de Abertura

Peter Hunt (Univ. de Cardiff- País de Gales, Reino Unido)

Oradores

Lawrence Sipe (Univ. Pensilvânia, Filadélfia, EUA)

Maria Nikolajeva (Univ. de Estocolmo, Suécia)

Sandra Lee Beckett (Univ. de Brock, Canadá)

Moderador: José António Gomes (ESSE-IPP, Portugal)

ESTRATÉGIAS DE LEITURA E COMPREENSÃO LEITORA

14H30

Conferencista de Abertura

Teresa Colomer (Univ. Autónoma de Barcelona, Espanha)

Oradores

Pedro Cerrillo (Univ. Castilla la Mancha, Espanha)

Michel Fayol (Observ. National de la Lecture, França)

Pep Duran (Catalunha, Espanha)

Moderador: Maria de Lourdes Dionísio (Univ. Minho, Portugal)

UM LUGAR IMENSO, TALVEZ. DA LEITURA À ARTE ARTE PERFORMATIVA COM PAIS E FILHOS

17H30

Laboratório B. M. Beja / Gulbenkian Casa da Leitura

23 DE JANEIRO, SEXTA

PROJECTOS DE PROMOÇÃO DA LEITURA

9H45

Conferencista de Abertura

António Nóvoa (Univ. de Lisboa, Portugal)

Oradores

António Prole (Projecto Gulbenkian Casa da Leitura, Portugal)

Dolores Lopez-Casero (Fundación German Sanchez Ruiperez, Espanha)

Galeno Amorim (Observatório do Livro e da Leitura, Brasil)

Moderador: Paula Morão (DGLB, Portugal)

ARTIFÍCIOS PARA CONTAR E CRIAR HISTÓRIAS EXPOSIÇÃO

Comissariada por **José António Portillo**

14H30

Fórum sobre cada um dos três painéis da conferência, em três salas distintas. Inscrição prévia.

A LEITURA EM DEBATE

16H15

Fernando Savater (Espanha)

José Barata-Moura (Univ. de Lisboa, Portugal)

Eduardo Marçal Grilo (FCG, Portugal)

Moderador: António José Teixeira (Director SIC Notícias, Portugal)

SESSÃO DE ENCERRAMENTO

18H00

Plano Nacional de Leitura, Fundação Calouste Gulbenkian; Direcção Geral do Livro e das Bibliotecas

Tradução simultânea



Programa
Gulbenkian
Ambiente

AGIR AMBIENTE ELEGE 15 PROJECTOS

O Programa Gulbenkian Ambiente vai financiar 15 projectos no âmbito da segunda edição do concurso AGIR AMBIENTE 2008 – Acções Gulbenkian de Informação e Realização em Ambiente, num total de 75 mil euros. O tema desta edição do AGIR AMBIENTE incide sobre a biodiversidade e estilos de vida. Os projectos a desenvolver por várias entidades – escolas, universidades, câmaras municipais, organizações não governamentais ligadas ao ambiente -, começam este mês e prolongam-se até ao final de Junho de 2009. O público a que se destinam as propostas apoiadas é abrangente, incluindo desde estudantes do ensino secundário até profissionais de turismo.

O concurso AGIR AMBIENTE 2008 visa promover acções relevantes de formação e de disseminação de conhecimento, com interesse pedagógico e didáctico para o desenvolvimento de uma cidadania mais ambiental, bem como propostas inovadoras, indutoras de aperfeiçoamento da consciência ambiental dos jovens – e das comunidades escolares onde estes se integrem –, passíveis de alterarem comportamentos, individuais e colectivos, num sentido de maior sustentabilidade, de maior respeito pela biodiversidade, quer urbana quer não urbana. ■

PARTILHAR O FUTURO

Várias escolas secundárias por todo o país vão acolher, em 2009, o ciclo de conferências Partilhar o Futuro para discutir temas ligados ao Ambiente com um grupo de especialistas portugueses. Trata-se de uma iniciativa conjunta do Serviço de Educação e Bolsas da Fundação Gulbenkian e do Programa Gulbenkian Ambiente, que tem como objectivo sensibilizar os mais jovens, entre os 12 e os 18 anos, para questões ambientais tais como as alterações climáticas, o futuro do mundo rural, a qualidade do ar, a biodiversidade e o consumo sustentável. Portalegre, Porto, Castelo Branco, Bragança, Braga, Coimbra e Funchal serão

as primeiras cidades a participar neste projecto. Cada conferência se realizará numa escola por cidade, onde se pretende agregar a comunidade educativa local. Entre os conferencistas contam-se Eugénio Sequeira, da Liga para a Protecção da Natureza, Filipe Duarte Santos, da Universidade de Lisboa, Francisco Ferreira, da Quercus e da Universidade Nova de Lisboa, Jorge Paiva, da Universidade de Coimbra e Sofia Guedes Vaz, da Universidade Nova de Lisboa. As conferências terão a duração de hora e meia, estando os últimos 45 minutos reservados para o debate com alunos e professores. ■

HEROÍNAS TRÁGICAS DA ANTIGUIDADE

A Temporada de Música da Fundação Calouste Gulbenkian propõe este mês um pequeno ciclo de três óperas, em versão de concerto, dedicado às Heroínas Trágicas da Antiguidade. São elas a **Medeia**, de Luigi Cherubini, a **Norma**, de Vincenzo Bellini, e a **Elektra**, de Richard Strauss. Estreadas, respectivamente, em 1797, 1831 e 1909, representam três exemplos paradigmáticos da criação operática em torno de grandes figuras femininas matriciais e do seu universo emocional interior. Em todas elas, os compositores recorrem ao extremo absoluto das solicitações vocais e dramáticas da ópera de cada um destes períodos. A **Elektra**, a primeira ópera a ser apresentada nos dias **15 e 19**, é uma das grandes criações do século XX. Baseada no texto de Sófocles, conta a história da filha de Agamémnon, rei de Creta, que jura vingar a morte do pai, centrando a sua existência nesta obsessão e acabando por morrer depois de a ter cumprido. Com três papéis femininos esmagadores, Elektra (interpretado por Deborah Polaski), Clitemnestra (Rosalind Plowright) e Crisótemis (Regina Schorg), Strauss utiliza o *leitmotiv* wagneriano, alternando a dissonância mais violenta com uma escrita melódica expressiva e generosa. A Orquestra Gulbenkian é dirigida pelo seu director artístico e maestro titular, Lawrence Foster, contando ainda com o tenor John Botha, no papel de Egisto, e com o barítono Jochen Schmeckenbecher (Oreste).

Segue-se, nos dias **27 e 31**, a **Norma**, a obra mais importante de

Bellini e o paradigma da técnica de *bel canto* italiana do século XIX. O papel da sacerdotisa gaulesa que se apaixona pelo comandante das forças invasoras Pollione, vivendo um amor proibido, exige recursos líricos e dramáticos excepcionais. A soprano Silvana Dussmann encarna a personagem principal, num elenco que conta ainda com John Botha (Pollione), Heidi Brunner (Adalgisa), Arutjun Kotchinian (Oroveso), Joana Seara (Clotilde) e Marcos Santos (Flávio). A direcção da Orquestra e Coro Gulbenkian estará também a cargo de Lawrence Foster.

A **Medeia** de Cherubini encerra este ciclo, nos dias **29** de Janeiro e **1** de Fevereiro. Inspirado na tragédia de Eurípides, evoca a célebre heroína clássica, princesa da Cólquida, que se apaixona por Jasão, auxiliando-o nas suas aventuras com os seus poderes sobrenaturais, a ponto de trair a sua própria família e que, vendo-se por ele abandonada, envenena a filha do rei Creonte com a qual Jasão tencionava casar, imolando em seguida os seus dois próprios filhos. Ainda sob a direcção de Foster, acompanham a Orquestra e Coro Gulbenkian a soprano Iano Tamar, no papel principal, Jochen Schmeckenbecher (Creonte), Alan Woodrow (Jasão), Eliana Pretorian (Dirce), Stella Grogorian (Neris) e Joana Sera (uma criada).

Ao longo deste mês a Temporada de Música apresenta ainda dois pianistas, Nikolai Lugansky (dia 12) e Murray Perahia (dia 18), a Orquestra Sinfónica do Teatro Mariinsky de São Petersburgo, dirigida pelo maestro Valery Gergiev (dia 17, no Coliseu dos Recreios), dois

concertos do Ciclo de Música Antiga, o primeiro com a Orquestra de Câmara de Basileia e a mezzo-soprano Marijana Mijanovic (dia 11), e o segundo com o grupo Vox Brasiliensis (dia 21), e ainda um concerto do ciclo Novos Intérpretes, com Samuel Bastos, Susana Janeiro e Sara Mendes. ■

Mais informações em www.musica.gulbenkian.pt





APOIO À INVESTIGAÇÃO EM ONCOLOGIA

Até 2010, a Fundação Gulbenkian apoiará quinze projectos de investigação na área da Oncologia, com um orçamento de mais de 700 mil euros. A leucemia, o cancro da próstata, o cancro do colo do útero ou o cancro da mama são algumas das doenças a investigar no âmbito destes projectos.

Em Maio, a Fundação abriu um concurso de apoio à investigação oncológica, para que o estudo dessas patologias possa vir a incidir mais empenhadamente nas novas formas de diagnóstico precoce e nos novos alvos terapêuticos.

A escolha foi feita por um júri independente, que seleccionou os projectos que mais se destacaram em termos de originalidade, metodologias propostas e utilidade potencial dos resultados esperados. Os quinze projectos vencedores são da responsabilidade de seis institutos, designadamente o Centro de Investigação em Meio Ambiente, Genética e Oncobiologia da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, o Instituto Português de Oncologia do Porto Francisco Gentil, o Instituto de Patologia e Imunologia Molecular da Universidade do Porto, o Centro de Neurociências e Biologia Celular, o Instituto Nacional de Saúde Dr. Ricardo Jorge, o Instituto de Medicina Molecular e o Instituto Gulbenkian de Ciência. A atribuição dos subsídios será feita em três fases, a iniciar ainda este ano. ■

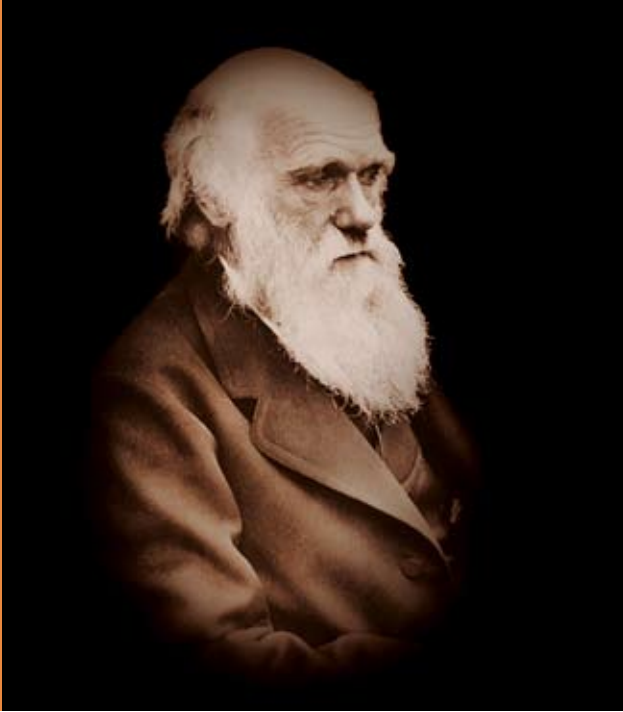
DESCOBERTO NOVO MECANISMO QUE REGULA A FORMAÇÃO DE VASOS SANGUÍNEOS

Uma equipa de investigação externa do Instituto Gulbenkian de Ciência, liderada por Sérgio Dias, descobriu um novo mecanismo molecular que poderá permitir regular a formação de novos vasos sanguíneos e a cicatrização de feridas, incluindo feridas crónicas como as que surgem em pessoas diabéticas ou com obesidade mórbida.

Sérgio Dias e a sua equipa do Centro de Investigação e Patobiologia Molecular do Instituto Português de Oncologia Francisco Gentil, em Lisboa, descobriram que as células precursoras dos vasos sanguíneos são estimuladas por um mecanismo de sinalização intracelular, processo através

do qual se formam novos vasos sanguíneos. Esta acção é fundamental para a cicatrização de feridas, uma vez que os vasos permitem uma melhor oxigenação do tecido danificado e a chegada ao local da ferida de proteínas anti-inflamatórias e nutrientes essenciais à reestruturação da pele. Esta descoberta, publicada na revista científica *PLoS One*, abre perspectivas à exploração de novas estratégias terapêuticas para controlar a formação de novos vasos sanguíneos e a reparação de vasos lesados.

O projecto de investigação foi financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, pela Fundação Calouste Gulbenkian e pela Crioestaminal. ■



A EVOLUÇÃO DE DARWIN

Exposição de 12 de Fevereiro a 24 de Maio de 2009
Galeria de Exposições Temporárias da Sede

TEXTO DE **JOSÉ FEDÓ** (COMISSÁRIO DA EXPOSIÇÃO)

Em 2009 comemora-se um duplo aniversário em torno de Charles Darwin, o bicentenário do seu nascimento (12 Fevereiro 1809) e os 150 anos da publicação de “A Origem das Espécies”, a sua *Magnum opus*. Darwin é uma das figuras mais marcantes da civilização ocidental contemporânea e, se é na Biologia que as suas contribuições constituem o cerne de uma das teorias científicas mais abrangentes e com mais impacto da ciência moderna – a Teoria da Evolução das Espécies –, Darwin é frequentemente posto na galeria das grandes personalidades e dos grandes filósofos que moldaram a modernidade em que vivemos.

Tão grande relevo contrasta com o homem por detrás de tudo. Filho de uma família britânica abastada, em tempos pré-vitorianos, Darwin foi o herói improvável de uma saga que sempre hesitou em assumir. Em adolescente, como quase todos, era amante dos prazeres da Natureza e da vida, caçador apaixonado, estudante sem brilho nem gosto, errante nas suas paixões e vocações, com entradas falhadas em Medicina e numa carreira eclesiástica, foi de seu pai que recebeu o veredicto que recorda na sua autobiografia: *You care for nothing but shooting, dogs, and rat-catching, and you will be a disgrace to yourself and all your family*. Mas remonta a tempos de criança a paixão que o levaria a mudar toda a sua vida, o seu enorme interesse pela observação e pela compreensão da Natureza.

Tudo mudou quando chegou a Cambridge e conheceu o reverendo John S. Henslow, um dos professores mais revolucionários desta época. Professor, mentor e amigo para toda a vida, Henslow trouxe ao de cima as melhores virtudes de Darwin, temperou-as com um treino académico e científico irrepreensível e ofereceu-lhe a grande aventura que mudaria toda a sua vida, a viagem de circum-navegação

do navio *Beagle*. Difícilmente outro homem terá observado e catalogado tanto a natureza em toda a diversidade e esplendor botânico, geológico e zoológico como Darwin fez nos cinco anos desta viagem. Essa vivência, e a opção explícita pelo rigor científico, que aprendeu em Cambridge, determinaram o cruzar da fronteira conceptual que viria a mudar tudo: as espécies não tinham sido divinamente criadas perfeitas e fixas, mas evoluem e modificam-se sob a pressão do ambiente. Estas ideias coligiu-as de volta a Londres e ao mecanismo que postulou chamou “selecção natural”. De seguida mudou-se para uma pequena quinta no campo, onde viveu recatadamente mais de 40 anos. Daí se correspondeu compulsivamente com todo o mundo científico (são conhecidas mais de 25 mil cartas de e para Darwin), observou e publicou profusamente sobre tudo o que podia observar e experimentar à sua volta. A sua ideia da “selecção natural” marinou quase 20 anos sob a forma de um manuscrito, que trabalhava ininterruptamente, testando todos os argumentos, eliminando todas as hipóteses e antevendo o choque cultural que iria provocar. Ao fim de 20 anos, foi arrancado a essa letargia pelo envio que lhe foi feito de uma teoria quase idêntica por Alfred Russel Wallace. Não podia esperar mais, e a publicação aconteceu, primeiro do manuscrito, em simultâneo com Wallace, e, um ano depois, do livro *A Origem das Espécies por meios de Selecção Natural*. E nada mais seria como antes!

O livro colecionava de forma exaustiva exemplos, argumentos e factos que organizou de forma sistemática, escrito de forma eloquente e com um raciocínio filosoficamente inatacável, que o levava a concluir acerca da existência de linhas evolutivas de todas as espécies e da existência de ancestrais comuns a todas. Prometeu tinha de novo roubado o fogo aos deuses, e desta feita era toda a criação bíblica,



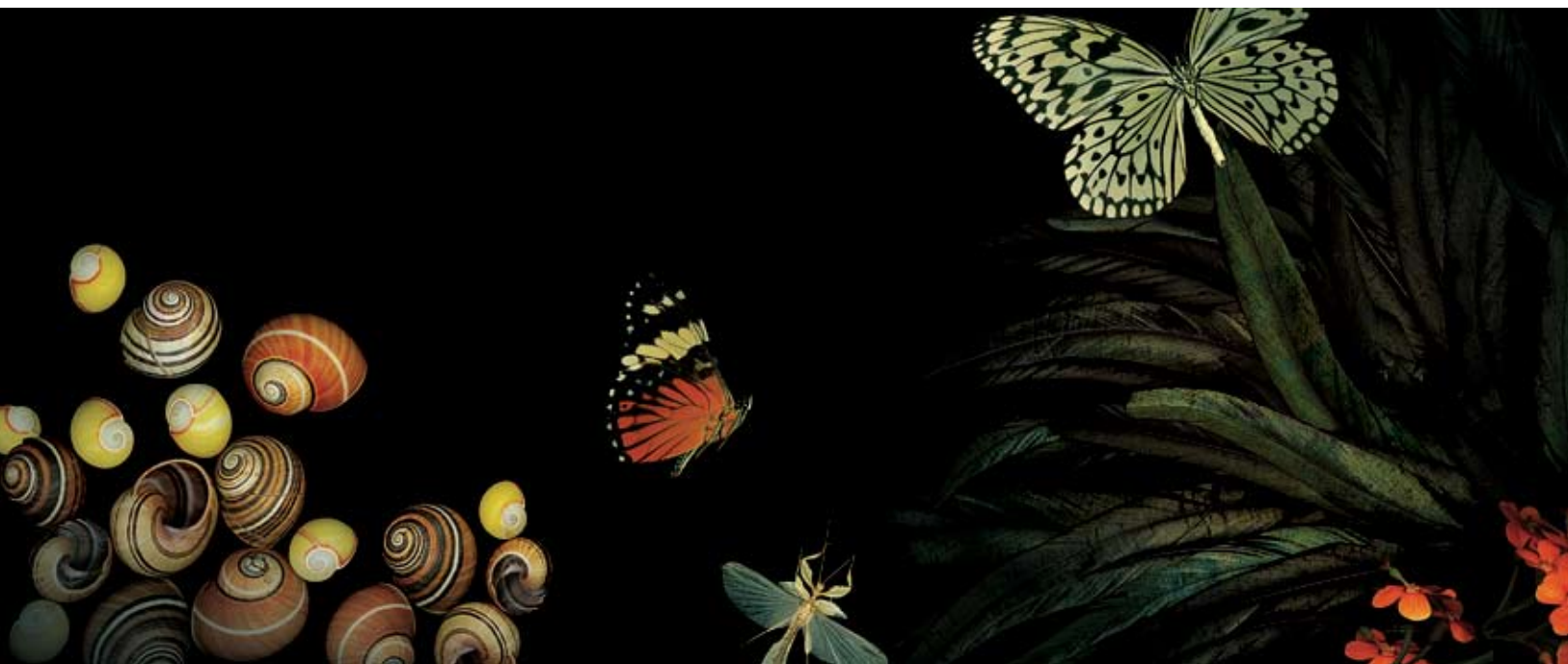
sustentáculo filosófico e cultural da altura, que estava em causa. O livro esgotou em poucos dias, a polémica foi grande, os insultos foram muitos, a defesa pela classe científica foi heróica, e acima de tudo uma classe média em ascensão após a Revolução Industrial adoptou como seus muitos dos conceitos que Darwin pretendia apenas relacionados com a Natureza. A Evolução vinha para ficar.

Mas a sua carreira não se resume à Origem. Darwin publicou prolificamente, acerca de tudo o que observou e conseguia explicar, dezenas de livros e centenas de manuscritos, muitos dos quais ainda hoje são venerados como as lanças que rasgaram florestas inteiras do conhecimento natural: desde a fertilização em orquídeas, à acção das minhocas na compostagem do solo, passando pela criação de pombos e pela classificação de percebes (sim, o marisco!). Assim, ele diria no final da sua vida: *My industry has been nearly as great*

as it could have been in the observation and collection of facts. What is far more important, my love of natural science has been steady and ardent. Do seu livro mais importante, a comemorar 150 anos em 2009, escreveu ironicamente: *I have heard that the success of a work abroad is the best test of its enduring value. I doubt whether this is at all trustworthy; but judged by this standard my name ought to last for a few years.*

Morreu aos 73 anos. Sobre esta morte escreveu Michael Ruse: *Darwin envelheceu amado pela sua família e amigos, respeitado enormemente pelos seus conterrâneos, e por muitos em muitos outros sítios. Quando morreu houve muito pouco debate acerca do que teria que acontecer. Ele teria que ser sepultado na Valhalla dos heróis ingleses, a Abadia de Westminster. E é aí que ainda repousa, ao lado de Isaac Newton, que abriu os caminhos na Física que Darwin abriria na Biologia.*

Duzentos anos passados, a teoria da Evolução por selecção natural constitui as fundações e o elo de ligação entre todas as disciplinas da Biologia. Estamos hoje mais próximos da selecção natural de Darwin do que estivemos ao longo do último século. Ela ajuda-nos a entender a organização dos genomas, assim como a prever as complexas relações da biodiversidade do nosso mundo. Permite-nos entender a evolução das doenças infecciosas e fornece-nos ferramentas para as enfrentarmos. A nossa posição na Natureza e as relações entre os seres vivos possuem hoje explicações naturais para a Ciência e para quem a abraça, e todas passam por Darwin.



UM PROJECTO DE EXPOSIÇÃO

Uma vida tão rica em episódios e histórias para contar não pode senão constituir um desafio aliciante para uma exposição. A Fundação Gulbenkian, através do Serviço de Ciência, decidiu abraçar este desafio. Partindo de um projecto inicial, em 2006, que previa a colaboração com o American Museum of Natural History, a exposição *A Evolução de Darwin* contará com módulos concebidos por este Museu para a sua internacionalmente aclamada exposição *Darwin*, em cerca de 30 por cento da sua área. Mas antes, e principalmente após, será fruto de um projecto completamente original, em que se fará a contextualização histórica de todo o naturalismo dos séculos XVIII e XIX e respectivos protagonistas e, no final, toda a transição para o século XX e modernidade do que é hoje a Evolução e as suas implicações. Envolverá objectos e conceitos completamente originais, que vão desde a recriação de um gabinete de curiosidades naturais do séc. XVII, pela Fundação Ricardo Espírito Santo, à concepção vanguardista do objecto DNA/RNA pelo arquitecto britânico Geoffrey Parker. E objectos tão magníficos como uma primeira edição do *Systemae Naturae* de Lineu e o primeiro caderno de notas que Darwin abriu na sua viagem no *Beagle*. E a Natureza, a Natureza que Darwin amou e explicou, por todo o lado, com objectos dos Museus Naturais de Portugal, mas também com orquídeas e ervilheiras vivas, com as magníficas estampas de Seba, com os mais belos fósseis recolhidos em Portugal. E as colecções e os cientistas portugueses que fizeram ou fazem parte desta história, como Arruda Furtado, correspondente contemporâneo de Darwin.

Esta componente nacional serve a ligação a um público que vê a Ciência como algo “estrangeiro”, mas serve também de base a um projecto de perenidade: após rotações por museus nacionais e internacionais, uma parceria com a Câmara Municipal de Oeiras permitirá que seja transformado em Museu no final do projecto, para que possa servir a educação das gerações vindouras.

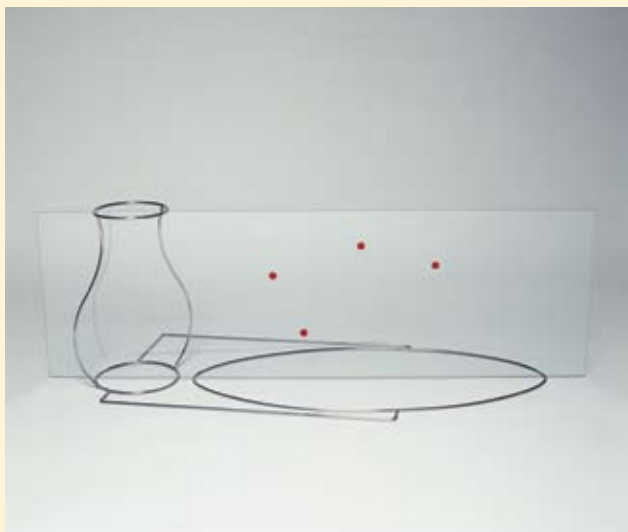
Finalmente, os projectos paralelos: dois ciclos de conferências, um com alguns dos mais conceituados oradores nacionais (*A Caminho da Evolução*), outro com alguns dos maiores nomes mundiais na Evolução, que se iniciará a 13 de Fevereiro com o curador da exposição americana, Niles Eldredge, e terminará a 24 de Maio com o casal Peter e Rosemary Grant, que continuam hoje o legado de Darwin estudando nas Galápagos os mesmos tentilhões que constituíram o seu ponto de viragem em direcção à Origem. Finalmente, e com o apoio do Serviço de Educação e Bolsas da Fundação Gulbenkian e do Ministério da Educação, desenvolveremos um programa educacional que levará um pouco de Evolução às escolas e trará as escolas à exposição, porque esse será o desafio último do projecto, transmitir às novas gerações a importância e o relevo do conhecimento científico como base da prosperidade e da modernidade.

Em 12 de Fevereiro de 2009 completam-se 200 anos sobre o nascimento de Darwin. Que saltem as rolhas e se soltem os foguetes, quando um homem tem uma grande ideia que faz avançar a humanidade, essa só pode ser razão para celebrarmos, pois é a razão do avanço das sociedades e o cumprimento do desígnio da ciência. ■

EXPOSIÇÕES EM CARTAZ ÚLTIMOS DIAS



Welt & Literatur
MADRID, PARIS, BERLIM, S. PETERSBURGO, O MUNDO!
ATÉ 4 DE JANEIRO



HORIZONTES
DE WALTERCIO CALDAS
ATÉ 11 DE JANEIRO



7 ARTISTAS
AO 10º MÊS
ATÉ 11 DE JANEIRO

SIMETRIAS SUBLIMES EM WASHINGTON

As fotografias de David Stephenson estão expostas na embaixada da Austrália em Washington, numa colaboração do Centro Cultural Gulbenkian com as embaixadas de Portugal e da Austrália na capital americana. Até 30 de Janeiro, podem ser vistas as obras do fotógrafo americano estabelecido há 25 anos na Tasmânia e que

apresentam um conjunto de “cúpulas” que o artista vem realizando desde 1993, em 15 países europeus, incluindo Portugal. A exposição comissariada por Jorge Calado, já apresentada em Paris há dois anos, mostra cúpulas de catedrais e templos de várias confissões, sinagogas e mesquitas. ■



Carlos Lobo

DESTAQUE

DUAS GERAÇÕES DE ARTISTAS

PROGRAMA GULBENKIAN CRIATIVIDADE E CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Iniciado em 2004, o Programa Gulbenkian Criatividade e Criação Artística (PGCCA) chegou ao fim em Dezembro de 2008. Durante este período foram promovidos vários cursos intensivos de formação artística avançada, no campo das artes plásticas, do cinema, da dança, do documentário, da fotografia, do guionismo, da ópera e do teatro. Em 2009 será apresentado um livro onde se faz a retrospectiva destes cinco anos. Os coordenadores do projecto António Pinto Ribeiro e Catarina Vaz Pinto deixam um balanço positivo do programa que permitiu abranger duas gerações de artistas.



“Com este Programa conseguiu-se o que habitualmente as escolas de arte não conseguem, por variadas razões, que foi fazer o arco completo: da formação à difusão, também internacional.”

[APR]

TERMINADO O PGCCA, CONSIDERAM QUE FORAM CUMPRIDOS OS OBJECTIVOS QUE TRAÇARAM?

Catarina Vaz Pinto – Cumprimos tudo o que nos era possível cumprir. Há factores externos ao projecto que impediram a plena inserção no tecido criativo do país. Poderia ter trazido mais benefícios para todos aqueles que frequentaram os cursos. Mas os nossos objectivos principais foram plenamente alcançados.

António Pinto Ribeiro – Do ponto de vista dos resultados – ou mesmo das expectativas –, a sensação que temos é de que foram ultrapassados a vários níveis. Pela qualidade da formação, porque conseguimos, na maior parte das vezes, trazer professores do estrangeiro que inicialmente nos parecia utópico conseguir que viessem. Foi muito gratificante haver pessoas que, de repente, se disponibilizaram para estar aqui a dar uma semana de aulas ou três meses, conforme. Houve outras duas dimensões interessantes: a qualidade de muitas das obras que foram produzidas em contexto escolar, e que ultrapassaram largamente as expectativas de produção nesse contexto, e depois a difusão e o reconhecimento nacional e internacional de muitas dessas obras. Hoje, passados quatro ou cinco anos, algumas delas continuam a circular em todo o mundo e a ter impacto. No caso português, dada a dificuldade que deriva das condições periféricas em que estes artistas trabalham, isso é muito importante. Com este Programa conseguiu-se o que habitualmente as

escolas de arte não conseguem, por variadas razões, que foi fazer o arco completo: da formação à difusão, também internacional. Muitas vezes os estudantes não conseguem, em primeiro lugar, produzir ou levar a produção até ao fim; depois, não conseguem fazê-lo em condições profissionais – aqui tiveram acesso aos técnicos e à máquina de produção da Fundação Gulbenkian; e, finalmente, o que todos os artistas desejam, que é ter o contacto com o público. Esse arco é fundamental, foi possível e é dos aspectos mais positivos do Programa.

CVP – Há outros dois factores importantes. Por um lado, a questão do percurso de cada artista e o timing em que fazem o curso. Um dos requisitos era que os candidatos já tivessem a sua formação artística básica e alguma experiência, que já tivessem tido antes a oportunidade de criar. Estes cursos correspondem a um processo de maturação criativa num momento muito importante para eles, para que possam crescer de outra maneira. Esse foco é, no fundo, como que uma reciclagem, uma formação avançada num período um pouco pós-formação inicial, em que já têm uma maturidade diferente. É sobretudo importante quando eles têm entre vinte e sete e trinta e poucos anos. É uma necessidade que eles como artistas têm, porque já podem desfrutar de outra maneira do contacto com outros artistas, que também são professores. Sempre procurámos nos docentes dos cursos essa figura do artista-pedagogo, que não é fácil de encontrar, porque há muitos artistas que não têm essa capacidade de comunicação. Neste contexto isso era muito importante, porque estávamos a falar entre artistas, entre aqueles que têm uma maior experiência e outros que estão em início de carreira e que precisam de ter essa possibilidade de confronto e de partilha da sua experiência. Por outro lado, como disse o António [Pinto Ribeiro], a Fundação tem uma estrutura profissional de produção que permite acolher este tipo de formação artística e que dá aos artistas condições muito próximas das da realidade profissional, o que é uma mais-valia muito importante.

UM DOS ASPECTOS QUE JÁ FOI AQUI REFERIDO É O FINAL DO “ARCO”, A INTERNACIONALIZAÇÃO, SOBRETUDO NA ÁREA DO CINEMA, QUE TEM TIDO UMA GRANDE PROJEÇÃO. MUITOS DOS JOVENS QUE FIZERAM ESTES CURSOS GANHARAM PRÉMIOS E MENÇÕES INTERNACIONAIS. SE CALHAR COM OUTROS CURSOS ISSO NÃO ACONTECEU TANTO. CONSEGUIU-SE UM EQUILÍBRIO A ESSE NÍVEL, NO FINAL DO “ARCO”?

APR – Quando concebemos este Programa, fizemos uma avaliação muito séria da oferta de candidatos que havia em Portugal e de quais eram as necessidades fundamentais destes candidatos potenciais. Chegámos à conclusão de que havia muita oferta de candidatos em Cinema e Fotografia, daí que nestas áreas tenha havido duas edições de cada curso.



Superfície, de Rui Xavier, recebeu este ano uma Menção Especial no Festival de Berlim e o Prémio de Melhor Fotografia para Curta-Metragem Portuguesa no IndieLisboa. O filme foi produzido em 2007 durante a 2ª edição do Curso de Cinema do PGCCA.

“Sempre procurámos nos docentes dos cursos essa figura do artista-pedagogo, que não é fácil de encontrar, porque há muitos artistas que não têm essa capacidade de comunicação.” [CVP]

Na área da Coreografia, havia menos candidatos, naquele momento. Também é preciso ter em conta a própria natureza dos géneros artísticos, ou seja, quando as peças de teatro são faladas em português, a sua circulação internacional torna-se mais difícil, apesar de haver um conjunto de obras que, mesmo assim, foram apresentadas noutros lugares, para além de Portugal. Melhor do que isso, houve até um conjunto de pessoas que saíram do teatro e foram fazer peças noutros lugares. Para Londres e para a Alemanha, independentemente do curso. Isso é muito desejável. Onde existe uma enorme dificuldade, que tem a ver com a história cultural do país, é na relação com a tecnologia de ponta, que é um pouco periférica, fruto da nossa história.



CVP – Talvez a nossa aposta mais arriscada tenha sido com o Curso de Artes da Performance [Interdisciplinares e Tecnológicas]. Foi um risco assumido, por várias razões: por causa da componente tecnológica e porque juntámos pessoas de áreas completamente diferentes – das artes visuais, das artes do espectáculo, do cinema – que não têm experiência de trabalhar entre si. O curso correu bem, mas, depois, eles próprios criaram expectativas excessivas em relação à qualidade dos trabalhos finais. Apesar de tudo, o que nos interessa é o foco no projecto pedagógico e na construção dos objectos. Se os trabalhos finais forem bons, tanto melhor, mas esse não é o objectivo principal. Foi também por isso que introduzimos no Programa os *Follow-up*, porque passados cinco ou seis meses depois da conclusão do curso, os artistas podem ter-se apropriado dos elementos que lhes foram transmitidos de forma diferente. No caso dos *Follow-up* dos cursos de Encenação de Teatro e de Coreografia, houve resultados muito interessantes, muito mais do que tinha havido no final dos cursos. Com o Curso de Artes da Performance [Junho-Agosto 2008] não houve tempo para assimilar tanta informação, com tanta diversidade, e arranjar maneira de lhes dar continuidade. Foi um risco assumido, mas era um risco importante, porque isso também tem a ver com o que é a produção artística contemporânea e de como o discurso artístico se apropria da tecnologia. O que tende a acontecer é as pessoas ficarem deslumbradas com a tecnologia e depois não terem maturidade artística suficiente para perceber como podem trabalhá-la.

NO LIVRO FALA-SE DO “PROGRAMA DE DUAS GERAÇÕES DE ARTISTAS”. EM CINCO ANOS ESGOTOU-SE A OFERTA DE CANDIDATOS PARA ESTES CURSOS?

APR – O Programa foi pensado a cinco anos porque era o período mínimo que permitia fazer um trabalho sólido com alguma continuidade relativamente a alguns cursos. Dado que o Programa abrangia pessoas entre os 22 e os 35 anos, naturalmente que, nestes cinco anos, do ponto de vista da selecção que fizemos, temos a sensação de que se esgotou a oferta de candidatos que havia. Vivemos num país pequeno, não se pense que temos milhões de artistas... À escala de Portugal, ter cerca de 170 artistas formados em cinco anos já é muito significativo. Caso a Fundação venha a recuperar este Programa ou outro semelhante, pode fazê-lo dentro de dois anos ou mais, apanhando as novas gerações de artistas que irão emergir.

CVP – Em termos de formação artística, as coisas também vão evoluindo. É muito interessante constatar que, hoje em dia, há muitos jovens que já não fazem cursos artísticos em Portugal. É muito fácil ir estudar para Inglaterra ou para França. Há muita gente a circular por toda a Europa, em todas as áreas. Já não há esse problema nacional. O que é importante é permitir depois que as pessoas construam as suas carreiras a partir do nosso país, essa fase de consolidação é importante.



PORTANTO, ESSE HORIZONTE DOS CINCO ANOS FOI PROPOSITADO.

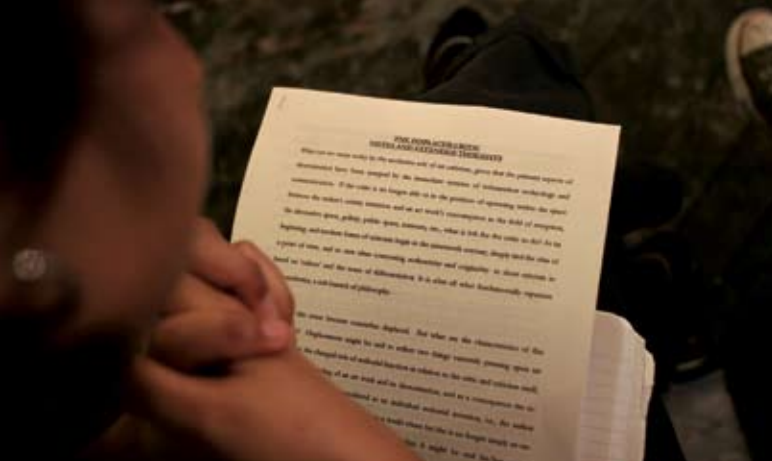
APR – A primeira ideia até tinha sido três mais dois. No final do terceiro ano, fazia-se uma avaliação. Os dois anos seguintes permitiriam uma continuidade. Algumas coisas foram sendo alteradas, até pela nossa própria experiência, fomos adaptando os cursos, percebemos que havia coisas que funcionavam melhor de outra maneira. Hoje, o tipo de formação que seria importante fazer já não seria exactamente assim. Um dos aspectos mais positivos deste Programa é que de algum modo ele correspondeu, em termos de formato, ao que era oportuno fazer nesta altura, ou seja, no início do século XXI, com o passado todo que nós temos, relativamente deficitário nesta área. Fazer agora um Programa deste género teria de ser em moldes um pouco diferentes.

OUTRO ASPECTO DO PROGRAMA TEM A VER COM OS ALUNOS EM CADA CURSO TRABALHAREM NO SEU PRÓPRIO PROJECTO, MAS TAMBÉM NO DOS OUTROS E PARA OS OUTROS; E DEPOIS AS PROPINAS DOS CURSOS, QUE FORAM BASTANTE ACESSÍVEIS...

CVP – A Fundação sempre teve uma grande tradição na atribuição de bolsas de estudo no estrangeiro para estas áreas, mas essas bolsas eram dadas a muito poucos. A ideia aqui também foi democratizar, alargando essa possibilidade.

“Vivemos num país pequeno, não se pense que temos milhões de artistas... À escala de Portugal, ter cerca de 170 artistas formados em cinco anos já é muito significativo.” [APR]

APR – Estar em Nova Iorque com uma bolsa, sozinho, integrado na comunidade artística nova-iorquina é uma coisa; outra é estar aqui. Quando as pessoas que frequentaram estes cursos apresentam depois os trabalhos finais, há toda uma comunidade que se desloca à Fundação para assistir. Há um efeito de disseminação interessante, porque as pessoas passam informação e depois encontram-se aqui. Por outro lado, nos cursos, o nosso objectivo também era apoiar o trabalho em grupo. Queríamos que eles partilhassem responsabilidades técnicas.



Tatiana Macedo

“Têm muita curiosidade em ver os trabalhos uns dos outros.” [CVP]

HÁ PESSOAS QUE PASSARAM A TRABALHAR EM CONJUNTO POSTERIORMENTE AOS CURSOS?

CVP – Sim. O exemplo mais expressivo talvez seja o do grupo que fez o primeiro curso de Fotografia. Formaram o colectivo Doze [o número dos alunos que participaram no curso] e continuam a trabalhar juntos. Este ano fizeram uma residência no Centro Cultural Emmerico Nunes, em Sines, com o projecto Paisagem e Povoamento e duas exposições. Logo no primeiro ano após o curso, já tinham feito um trabalho para angariar receitas para o colectivo. Era uma caixa de 12 fotografias, uma fotografia de cada artista. A Fundação comprou uma dessas caixas.

APR – Eles organizam-se, juntam recursos e informação. E também é interessante ver pessoas de áreas diferentes a trabalhar em conjunto. Por exemplo, o João Paulo Serafim [Fotografia] trabalha com a Joana Craveiro [Encenação de Teatro]. Os alunos de Documentário filmaram o que os outros faziam... Isso é muito positivo e relativamente inédito entre nós.

CVP – Têm muita curiosidade em ver os trabalhos uns dos outros.

APR – Quanto aos alunos de Artes Performativas, foi um grande desafio, tanto para eles como para nós, ter de lidar com profissionais. Nas encenações de ópera, a certa altura tínhamos cem, cento e vinte pessoas envolvidas na produção – a uma escala autêntica de produção de teatro de ópera, com técnicos e cantores profissionais. Os alunos tiveram a experiência de fazer audições a cantores, depois tiveram de lidar com os caprichos deles, com as suas maleitas... Isso não foi andar a brincar às óperas, foi o mundo real a cair-lhes em cima. Com recursos mínimos.

CVP – E não se pode deixar de referir o contributo da equipa de produção da Fundação, que arranjou apoios, figurinos... Aliás, os ex-alunos mantêm uma relação permanente com essa equipa, continuam a pedir ajuda na produção.

É COM OS PROFESSORES QUE PASSARAM POR CÁ, OS ALUNOS MANTÊM ALGUM CONTACTO ARTÍSTICO?

APR – Sim, absolutamente. Correspondem-se, telefonam-se. E como muitos dos professores são artistas, também passamos regularmente informação sobre as novas criações deles, os filmes que estrearam, as óperas, as exposições.

CVP – Os professores gostaram todos muito de estar cá. Acharam sempre que era um projecto interessante, por ser muito livre, fora do que é normal nas escolas artísticas. No fundo, o que se pedia aos alunos era que trabalhassem para criar uma obra, mas depois em tudo o resto eram completamente livres: nos tempos, etc. Tinham condicionantes de orçamento, claro, mas isso também tinha a ver com a pedagogia do curso. Por exemplo, só tinham um número limitado de cassetes para filmar ou X metros de película. Isso obriga a um enorme esforço na concepção do projecto. Têm de pensar muito bem e saber exactamente aquilo que querem fazer.

É OS SEIS NOVOS FILMES APRESENTADOS NO GRANDE AUDITÓRIO DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN [13 DEZEMBRO 2008]?

CVP – Foi para fechar o ciclo. Já tínhamos feito várias encomendas de documentários, mas nunca tínhamos feito um *follow-up* dos cursos de Cinema e Documentário, como fizemos para a Encenação de Teatro e Coreografia, porque o orçamento seria sempre mais elevado. Os *Follow-up* funcionaram sempre como miniconcursos para os antigos participantes do Programa. Foram apresentadas muitas propostas e nós escolhemos as que nos pareceram mais interessantes. Para estes seis novos filmes, abrimos um concurso para os 48 alunos que tinham frequentado as duas edições do curso de Cinema e as duas edições do curso de Documentário. Seleccionámos três projectos de ficção e outros três de documentário, com maior duração do que a que lhes era pedida nos cursos. A ideia também é dar-lhes condições para evoluir.

COMO É QUE SE LIDA COM A QUESTÃO DE SE PODER ESTAR A CRIAR EXPECTATIVAS NESTES ARTISTAS QUE PODERÃO NO FUTURO NÃO VIR A TER CONDIÇÕES PARA CONTINUAR A CRIAR?

CVP – Os artistas verdadeiros terão sempre necessidade de criar e, para isso, terão de encontrar condições. Apesar de tudo, isto não é um deserto. O problema é que as condições são mais difíceis do que noutros contextos. Estes *Follow-up* são interessantes porque permitem ver a evolução deles. É “fazendo” que as pessoas crescem e muitas vezes o sistema não permite isso. E há que encontrar o espaço de difusão adequado em cada momento da carreira. O problema com o tecido criativo é que há muita gente a começar a fazer coisas engraçadas, mas daí a construir um percurso há muito poucos a fazê-lo, por várias razões. Tem a ver com as próprias pessoas, com a sua motivação, persistência, profissionalismo... Mas o contexto também pode ser bloqueador. Trabalhar num país pequeno cria outro tipo de problemas, quando não é possível uma perspectiva de confronto num espaço alargado. Isso é muito importante para poder distinguir o trigo do joio.

APR – Há dois problemas com os quais nós lidámos durante estes cinco anos e para os quais, em alguns casos, tivemos soluções, noutros casos, não. Primeiro, ao longo do Programa eles incorporaram algumas coisas elementares de que a maior parte dos artistas não tem consciência: o problema dos recursos. Aprenderam a trabalhar com menos recursos de produção, investindo mais nos artistas ou nos intérpretes e menos nas cenografias ou no lado mais espectacular da produção. É preciso ter esta consciência de que o país não tem recursos. No primeiro curso de Cinema, trabalharam numa escala de um para três, ou seja, para terem cinco minutos de filme só podiam “queimar” quinze. Em Hollywood, trabalha-se numa escala de um para cem. A diferença é abissal. Os projectos requerem mais planeamento, concisão, tem de se perceber o que é essencial. Em segundo lugar, houve este aspecto do trabalho colaborativo: não perdem autoria se trabalharem com os colegas. Mas depois faltam coisas estruturantes, que nós não temos. Não há uma rede de difusão, que é uma questão central. O país não tem estratégias nem a mentalidade da co-produção, que naturalmente beneficiaria toda a gente, das artes performativas às artes visuais. E, aí, pensamos que a Fundação Gulbenkian no futuro pode vir a ter um papel importante, ajudando a estruturar as coisas e a construir mecanismos. ■

www.programacriatividade.gulbenkian.pt

Madalena Miranda



O PGCCA EM NÚMEROS

16 Cursos
178 Participantes
83 Professores Estrangeiros
17 Professores Nacionais
4 Directores Musicais
21 Tutores/Consultores
1550 Candidatos aos Cursos
68,56%: Grande Lisboa | 6,88%: Grande Porto
24,56%: resto do país
77 Candidatos para Actividades Complementares
montadores | workshop de produção
54 Participações Profissionais
pianistas | cantores | músicos convidados

“Aprenderam a trabalhar com menos recursos de produção, investindo mais nos artistas ou nos intérpretes e menos nas cenografias ou no lado mais espectacular da produção. É preciso ter esta consciência de que o país não tem recursos.” [APR]

NOVO DIRECTOR DO SERVIÇO DE MÚSICA A PARTIR DE ABRIL



Riitta Sourander

Risto Nieminen, actual director do Festival de Helsínquia, será o novo director do Serviço de Música da Fundação Calouste Gulbenkian. Nieminen tem 52 anos, é mestre em Musicologia e Literatura pela Universidade de Helsínquia e, entre vários cargos que desempenhou, foi administrador da Orquestra Sinfónica da Rádio da Finlândia, entre 1989 e 1991, e director artístico do IRCAM (Institut de Recherche et Coordination Acoustique/Musique) do Centro Georges Pompidou, em Paris, entre 1991 e 1996. Integrou a Direcção da Associação Europeia de Festivais, entre 1997 e 2001, e em 1998 recebeu o grau de Cavaleiro das Artes e das Letras de França.

Risto Nieminen assumirá o cargo em Abril, substituindo o actual director, Luís Pereira Leal, em funções desde 1978. ■

<https://refvirtual.gulbenkian.pt>

A Biblioteca de Arte dispõe de um novo Serviço de Referência Virtual, destinado a facilitar o contacto com os todos os seus utilizadores. Por meio deste serviço, acessível através do endereço <https://refvirtual.gulbenkian.pt>, qualquer utilizador poderá colocar questões no âmbito da História da Arte e das Artes Visuais ou solicitar aconselhamento para pesquisa de temas no âmbito destas áreas. As questões podem ser formuladas, a qualquer hora, através de mensagens de correio electrónico, sendo também possível estabelecer uma conversação em tempo real, garantida por um bibliotecário de referência destacado para o efeito, de segunda a sexta-feira das 10h30 às 11h30 e das 15h30 às 16h30. Este novo serviço vai ainda permitir o acesso a uma base de dados que reúne um extenso conjunto de respostas a perguntas frequentes sobre a Biblioteca de Arte, os seus fundos bibliográficos e serviços. Deste modo, o utilizador poderá ver uma dúvida rapidamente esclarecida, sem ter que recorrer às outras duas modalidades deste serviço.

A partir deste sítio, os utilizadores terão ainda ligações que conduzem a outros importantes recursos de informação: a página da Web e o catálogo da Biblioteca de Arte, uma selecção de recursos na internet sobre Artes Visuais e a galeria de fotografias que a BA mantém no FLICKR. ■

JOVENS INVESTIGADORES RECEBEM APOIO

À semelhança do que acontece todos os anos, a Fundação Calouste Gulbenkian distinguiu mais uma vez os jovens investigadores com as propostas de investigação mais criativas nas áreas científicas de Matemática, Física, Química e Ciências da Terra e do Espaço.

Este ano os distinguidos foram: Ana Gonçalves, da Universidade do Minho; Eduardo Castro, do Centro de Física do Porto; Elisabete Oliveira, da Universidade Nova de Lisboa; Emanuel Dutra, da Universidade de Lisboa; Gonçalo Tabuada, da Universidade Nova de Lisboa; Juan Cabanelas, da Universidade de Aveiro; Pedro Barquinha, da Universidade Nova de Lisboa; e Ricardo Santos, da Universidade de Coimbra.

O objectivo deste Programa é estimular entre os mais novos a criatividade e a qualidade na investigação científica. Cada um dos distinguidos receberá um incentivo financeiro total de 12 500 euros, repartido entre o investigador e respectivo centro de investigação. ■

PLATAFORMA IMIGRAÇÃO – GALARDOADOS 2008

O Prémio Empreendedor Imigrante 2008, atribuído pela Plataforma Imigração, distinguiu *ex aequo* dois imigrantes: uma proveniente da Rússia, Mariana Serpinina e outro de Cabo Verde, Paulo Mendes, pelas capacidades demonstradas de integração na comunidade de acolhimento e pelo trabalho desenvolvido junto dos seus concidadãos.

Mariana Serpinina imigrou da Rússia em 2001 com o 9º ano de escolaridade, concluiu o curso de Gestão no Instituto Superior de Economia e Gestão, onde desenvolveu vários projectos, e em 2008 criou a empresa de informação telefónica “Informação na Hora, Lda”. Paulo Mendes imigrou de Cabo-Verde para os Açores em 1997, licenciou-se e pós-graduou-se em Sociologia pela Universidade dos Açores, mantendo uma vida associativa muito intensa e diversificada, através da Plataforma das Estruturas Representativas das Comunidades Imigrantes em Portugal (PERCIP), que coordena, e da Associação de Imigrantes dos Açores. No que respeita à Distinção para as Melhores Práticas Autárquicas, a Plataforma Imigração premiou também, *ex aequo*, dois projectos: o Projecto Geração, proposto pela Câmara Municipal da Amadora, com uma sólida parceria envolvendo a Fundação Calouste Gulbenkian, o Alto-Comissariado para a Imigração e o Diálogo Intercultural, a Iniciativa Comunitária EQUAL e inúmeros parceiros locais. Este projecto promove o desenvolvimento social e humano dos jovens residentes no Bairro do Casal da Boba, muito particularmente dos jovens descendentes de imigrantes. Implementado desde 2005, é constituído por diversas acções a decorrer no terreno, desenvolvidas pela rede de parceiros.

O outro projecto distinguido foi o Projecto AmpliArte Cultura e Intervenção Social, proposto pela Câmara Municipal de Oeiras, que foi criado em 2006 e 2007, assente numa parceria entre a autarquia e a Companhia de Actores. O objectivo é contribuir para a transformação de atitudes e comportamentos dos jovens, promovendo o relacionamento de rapazes e raparigas de diferentes origens culturais e com diferentes percursos de vida. Os Ateliers de Iniciação Teatral desenvolvidos em dois bairros – Outurela/Portela e Navegadores – deram origem a dois espectáculos: “Com os pés no chão – uma questão de atitude” e “Fiat Lux – Um acto de criação”, baseado na Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Foi ainda atribuída uma Menção Honrosa ao projecto As Fogaceiras e a Interculturalidade, proposto pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira. ■

EMÍLIO RUI VILAR DEFENDE COLABORAÇÃO ENTRE FUNDAÇÕES EUROPEIAS

O presidente da Fundação Calouste Gulbenkian, Emílio Rui Vilar participou na 3.ª Conferência Geral da Associação Espanhola de Fundações, que teve lugar em Madrid, no dia 19 de Novembro de 2008, com uma intervenção sobre “As fundações na Europa: perspectivas para o futuro”. Esta conferência enquadrou-se nas comemorações dos 30 anos da Constituição espanhola que inclui o direito a fundar como direito fundamental. O presidente da Fundação considerou que as fundações têm “um papel fundamental a desempenhar no tratamento das consequências da crise financeira”, defendendo que, neste momento crítico, “o movimento fundacional europeu deve aumentar a colaboração entre si, fortalecer a partilha de experiências e de conhecimento, e desenvolver uma voz mais coerente ao nível Europeu.”

Emílio Rui Vilar participou ainda na “Berlin Conference”, que se realizou em Berlim, nos dias 14 e 15 de Novembro de 2008, integrada na iniciativa “A Soul for Europe, destinada a promover a participação dos cidadãos a as organizações da sociedade civil na construção europeia. ■

DURÃO BARROSO NO CENTRO CULTURAL DE PARIS

O presidente da Comissão Europeia visitou, no Centro Cultural de Paris, a exposição *Nuits Claires*, do fotógrafo alemão Thomas Weinberger. José Manuel Durão Barroso, acompanhado pelo director do Centro, João Pedro Garcia (na foto), aproveitou para visitar ainda a biblioteca do Centro. A mostra, comissariada por Jorge Calado, esteve exposta naquele espaço de 21 de Outubro a 19 de Dezembro de 2008. ■



1º CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE TIMOR-LESTE

O 1º Congresso de Ciências da Saúde de Timor-Leste realizou-se em Dili no início de Dezembro, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e do Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, em colaboração com a Escola Superior de Tecnologia da Saúde de Lisboa e a Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa. O Congresso foi organizado no âmbito do projecto de “Reforço Institucional do Instituto de Ciências da Saúde de Timor-Leste” e teve como finalidade promover a reflexão sobre o desenvolvimento dos cuidados de saúde de Timor-Leste, contando com cerca de 40 comunicações apresentadas por profissionais e investigadores da Saúde timorenses e portuguesas. O programa do Congresso abrangeu temáticas diferenciadas: Doenças Infecciosas, Saúde Materno-infantil, Sistemas de Saúde, Investigação em Saúde e Formação de Recursos Humanos em Saúde. ■



NUNO JÚDICE É O NOVO DIRECTOR DA REVISTA COLÓQUIO-LETRAS

Nuno Júdice é o novo director da Revista Colóquio-Letras, na sequência da decisão do Conselho de Administração da Fundação Gulbenkian de nomear uma nova direcção e um conselho editorial para a revista, de modo a garantir a sua publicação regular e os compromissos assumidos perante o público e os assinantes. O conselho editorial da Colóquio-Letras será presidido por **Eduardo Lourenço**.

A Administração da Fundação Calouste Gulbenkian pretende que a revista continue a ser uma referência no campo literário, o que sucede desde 1971, seguindo os princípios e valores que a nortearam desde a sua criação e orientação por Hernâni Cidade, Jacinto Prado Coelho, David Mourão-Ferreira e Joana Varela. Tendo em conta que o último número da revista, referente a 2004, foi apresentado em meados de 2007, pretende-se, a partir do início de 2009, retomar a publicação regular da revista, garantindo a sua continuidade. Nuno Júdice é ensaísta, poeta, ficcionista e professor universitário, tendo desempenhado, em Paris, os cargos de conselheiro cultural da embaixada portuguesa e delegado do Instituto Camões. ■

EDUARDO PRADO COELHO HOMENAGEADO EM PARIS

O ensaísta foi homenageado no Centro Cultural Gulbenkian, a 19 de Novembro, numa sessão presidida por Eduardo Lourenço. Na homenagem participaram Nuno Júdice, António Coimbra Martins, Robert Bréchon, E.L., Patrick Quillier e Fátima Ramos (na foto), e ainda muitos amigos e admiradores de Eduardo Prado Coelho, desaparecido em Outubro do ano passado. Na ocasião foi lançado um volume que reúne as comunicações do colóquio *La Nouvelle Littérature Portugaise*, coordenado e animado pelo professor e ensaísta naquele espaço, em Março de 2005. ■





DARK MATTER POEMS OF SPACE

Dark Matter: Poems of Space é o terceiro volume de uma trilogia de antologias poéticas com conteúdo científico. Depois de *Wild Reckoning: An anthology provoked by Rachel Carson's 'Silent Spring'* sobre a Natureza e as alterações climáticas, e de *Signs and Humours: The poetry of medicine* sobre medicina, *Dark Matter* apresenta agora uma selecção de poemas sobre o espaço. O céu, as estrelas, o universo e o infinito são alguns dos temas que inspiram os poemas que compõem a antologia. Esta obra literária, publicada recentemente pela delegação da Fundação Calouste Gulbenkian em Londres (UK Branch), teve o contributo científico de astrónomos, cientistas do espaço, astrofísicos e cosmólogos. ■

A SAÚDE E O AR QUE RESPIRAMOS UM CASO DE ESTUDO EM PORTUGAL

Na sequência do projecto SaudAr – A Saúde e o Ar que Respiramos, que realizou um estudo multidisciplinar sobre a evolução da qualidade do ar da cidade de Viseu, surge agora este livro que reúne conclusões e conselhos práticos para melhorar a saúde pública do país. O estudo, realizado entre 2004 e 2008, incidiu sobre uma população de cerca de 80 crianças asmáticas, expostas a diferentes níveis de poluição atmosférica, com o objectivo de avaliar a relação entre a exposição a poluentes atmosféricos e o agravamento das doenças respiratórias. O projecto SaudAr teve o apoio financeiro da Fundação Calouste Gulbenkian e foi coordenado por Carlos Borrego, do Departamento de Ambiente e Ordenamento da Universidade de Aveiro. ■

CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SUCESSO E INSUCESSO: ESCOLA, ECONOMIA E SOCIEDADE

Este livro reúne as intervenções de todos os especialistas que participaram na Conferência Internacional de Educação, em 2007, subordinada ao tema *Sucesso e Insucesso: Escola, Economia e Sociedade*. O insucesso e o abandono escolares têm sido uma das áreas de intervenção da Fundação Gulbenkian no plano da Educação, pelo que o lançamento deste livro constitui mais um passo no combate a este problema que coloca Portugal na cauda da Europa, nesta área. ■

INVESTIGAR A HISTÓRIA DA ENFERMAGEM PORTUGUESA

Nome: Helena Silva*

26 anos

Área: História



COMO SURTIU O INTERESSE POR ESTE TEMA?

O meu interesse pelo tema surgiu há cerca de seis anos, quando ainda era estudante de licenciatura em História e tive a oportunidade de fazer um ano de Erasmus na Irlanda (National University of Ireland, Maynooth). Aí comecei a contactar com o tema da história da Medicina e da Saúde, algo totalmente novo para mim. Pretendia fazer um estudo comparativo sobre a história da enfermagem entre a Irlanda e Portugal e rapidamente me apercebi de que, no nosso país, o tema estava ainda pouco explorado. Em contrapartida, fiquei a conhecer a bibliografia e a realidade anglo-saxónica e ficou a curiosidade de trabalhar o tema. Já em Portugal, comecei a conhecer a sua complexidade, compreendendo que a evolução no tempo se deu graças a uma influência de vários países, entre eles a França e o Reino Unido.

A história da enfermagem cruza-se com a história da assistência em Portugal, nomeadamente com as Misericórdias e os hospitais que estas administravam, e também com a história religiosa, política e social do nosso país. Passa ainda pela história da própria Fundação Calouste Gulbenkian, que deu o seu apoio praticamente desde a primeira hora, nomeadamente através do financiamento à então Escola de Enfermagem Dr. Henrique Teles, dotando-a de um edifício próprio, inaugurado em 1961.

PORQUE OPTOU POR ESTA FACULDADE?

A École des hautes études en sciences sociales (EHESS) é, sem dúvida, única e oferece uma vasta opção de seminários de investigação orientados por grandes nomes das ciências sociais. Devido aos seus centros de investigação, a actividade científica desenvolvida é constante. A sua fama internacional faz com que os seminários tenham muitas vezes como

convidados conferencistas estrangeiros, permitindo assim ficar a conhecer as mais recentes investigações, abrindo horizontes a futuras pesquisas. Muitos doutorandos não são franceses, como eu, o que faz com que a EHESS seja um verdadeiro ponto de encontro e intercâmbio de culturas, de conhecimentos e experiências.

E DEPOIS DO DOUTORAMENTO?

Neste momento concentro-me totalmente no doutoramento para conseguir atingir este objectivo. Claro que o futuro está sempre no horizonte e tento estabelecer contactos e dar a conhecer o meu trabalho. Tenho algumas ideias para pesquisas futuras, relacionadas com o tema da enfermagem em Portugal, mas é ainda cedo para fazer projectos. ■

Depoimento recolhido por escrito

** Bolseira do Serviço de Educação e Bolsas na École des hautes études en sciences sociales, Paris.*

OS CONTRASTES DO MEIO ARTÍSTICO DE BERLIM

Nome: Daniel Barroca*

32 anos

Área: Arte

UM ROSTO DAS BELAS-ARTES

A SUA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA TERMINOU NO MÊS PASSADO. COMO FOI A EXPERIÊNCIA?

A Künstlerhaus Bethanien é uma instituição que está integrada numa gigantesca e rica comunidade artística. Essa comunidade tão heterogénea cria um contexto onde a relação entre artistas e sistema artístico se pode articular de inúmeras formas. Creio que a situação que se vive hoje em Berlim e o facto de se encontrar num momento de transição, que permite observar situações opostas que de algum modo convivem, é muito interessante para pensar o sistema de mercado, em oposição ao da iniciativa independente no que toca à influência que um e outro têm naquilo que os artistas hoje produzem. Neste momento vive-se uma transição em que, por um lado, as estruturas independentes, sem fins lucrativos, quase sempre geridas por artistas e, nalguns casos, com um forte pendor activista, que criaram raízes ainda antes da queda do Muro, convivem com uma proliferação impressionante de galerias comerciais de pequena, média e grande, muito grande escala. É muito interessante circular pelas diferentes camadas que esse fenómeno produz, observar essa convivência, as diferenças “protocolares”, os contrastes e as expectativas que criam num meio artístico composto por comunidades de todas as partes do mundo, agrupadas em incontáveis círculos e em permanente crescimento.

QUE PROJECTOS DESENVOLVEU?

Nos primeiros meses de residência trabalhei em novas séries de desenhos, algumas delas em pequenos cadernos. Durante esse período trabalhei bastante a relação entre o fazer dos desenhos e de alguns pequenos textos que, nalguns casos, acabaram por desaparecer, mas um deles acabou por ser o ponto de partida para um vídeo chamado *Slow/Lento*,



que, juntamente com o texto, foi apresentado no espaço do projecto Empty Cube em Lisboa.

O maior projecto que desenvolvi chama-se *Soldier Playing with Dead Lizard*. Este projecto tem dois momentos: um deles é uma instalação vídeo de oito canais; e o outro é um livro que foi publicado pela Künstlerhaus Bethanien com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, do Instituto Camões/Embaixada de Portugal em Berlim e da Fundação Ilídio Pinho. Este projecto teve como ponto de partida uma série de fotografias amadoras que encontrei em Lisboa e que foram tiradas entre 1972 e 73 na Guiné-Bissau durante a guerra colonial portuguesa. A instalação e uma série de desenhos foram apresentados num dos espaços de exposições da Künstlerhaus Bethanien.

E O QUE SE SEGUE AGORA?

Interessa-me continuar a trabalhar sobre a relação entre o desenho e a imagem fotográfica/imagem em movimento. Principalmente do ponto de vista da oposição entre o desenho como a projecção que o corpo faz da relação com as imagens, produzindo uma outra imagem, e a fotografia enquanto suporte da “verdade” da memória que regista o mundo numa imagem. Em termos de apresentações do meu trabalho no próximo ano, está confirmada a minha participação numa exposição que terá lugar no National Centre for Contemporary Arts de Moscovo. ■

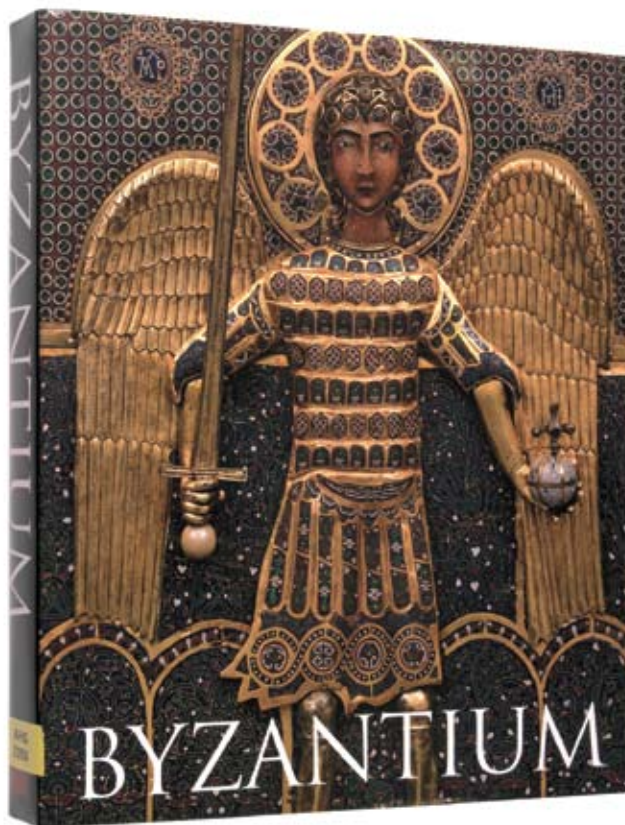
Depoimento recolhido por escrito

** Bolsa João Hogan para Residência Artística na Künstlerhaus Bethanien em Berlim, atribuída pelo Serviço de Belas-Artes*

BYZANTIUM 330-1453

Se a data da sua queda não oferece quaisquer dúvidas aos historiadores – o Império Bizantino caiu no dia 29 de Maio de 1453, quando os exércitos do sultão otomano Mehmet II conseguiram finalmente penetrar dentro da cidade de Bizâncio, através da porta de São Romão –, o seu início suscita alguma controvérsia. De qualquer modo, é usual apontar o ano de 330 para a sua fundação. Foi neste ano que a cidade, até então de *Byzantium*, mudou de nome para Constantinopla, por vontade do imperador Constantino que desejava transformá-la na “nova Roma”. A origem de Bizâncio é curiosa: segundo reza a lenda, originalmente era apenas uma pequena colónia situada no promontório entre o Corno Dourado e o Bósforo, fundada por volta do ano de 660 a. C., por gregos vindos da cidade de Megara, cujo chefe tinha o nome de Byzas. Durante a dominação romana, a cidade e o seu porto desenvolveram-se e ganharam importância. Em 196, no tempo do imperador Sétimo Severo, o termo *Byzantium* latinizou-se, passando a cidade a chamar-se *Byzantium*.

Até ao próximo dia 22 de Março, os visitantes que tiverem a oportunidade de se deslocar à Royal Academy of Arts, em Londres, poderão admirar os cerca de 300 objectos reunidos para a grande exposição intitulada *Byzantium 330-1453*. Organizada por aquela instituição britânica em conjunto com o Benaki Museum de Atenas, esta exposição é a mais importante realizada sobre o Império Bizantino no último meio século. Nascido das cinzas do antigo Império Romano, este império floresceu durante cerca de mil anos, tendo como centro a cidade que hoje se chama Istambul e ocupando



uma área geográfica que abrangeu parte do sudoeste da Europa, Ásia Menor e Médio Oriente. Entre os objectos expostos para serem “descobertos” e admirados, existem ícones, como o do Arcanjo S. Miguel, peça do século XII, em prata montada em madeira, com ouro, esmalte e pedras preciosas, emprestado pelo tesouro da Basílica de São Marcos de Veneza – que ilustra a capa do catálogo da exposição – pinturas, mosaicos, marfins, manuscritos, esmaltes e peças de ourivesaria. Uma delas, por exemplo, é um cálice em prata, emprestado pelo Metropolitan Museum de Nova Iorque, proveniente da cidade de Antioquia, que foi considerado, durante uma parte do século XIX, como sendo o cálice onde José de Arimateia recolheu as gotas do sangue de Cristo no monte do Calvário. Todos os que não tiverem a oportunidade de se deslocar a Londres para visitar esta exposição poderão, em alternativa, consultar o magnífico catálogo produzido para a acompanhar e documentar que a Biblioteca de Arte já possui no seu fundo documental. ■

Ana Barata

TÍTULO/ RESP *Byzantium 330-1453*

PUBLICAÇÃO London : Royal Academy of Arts, 2008

DESCR. FÍSIC 494 p. : il. color. ; 31 cm

NOTAS Obra publicada por ocasião da exposição patente na Royal Academy of Arts, Londres (Grã-Bretanha), de 25 de Outubro de 2008 a 22 de Março de 2009

ISBN 978-1-905711-26-0

COTA(S) AHG 2358



ÉDOUARD MANET

O RAPAZ DAS CEREJAS

O retrato esconde, por detrás da alegria irreverente do modelo, a trágica sorte do seu destino. Alexandre, adolescente de origem humilde, que trabalhou para Manet lavando pincéis e ocasionalmente posando para ele, acabou por se suicidar com apenas quinze anos, no *atelier* do pintor, na rue Lavoisier. Profundamente chocado com a morte do assistente, Manet terá terminado a composição no *atelier* da rue de la Victoire, para onde se mudou na sequência do sucedido. Berthe Morisot evoca este triste acontecimento num caderno de apontamentos em que faz referência à pintura, em tempos pertencente ao seu marido Eugène Manet, irmão do artista. Também Charles Baudelaire encontrou neste episódio inspiração para um conto dedicado a Manet, *La Corde*, inicialmente publicado em *Le Figaro*, em 7 de Fevereiro de 1864, e posteriormente editado na compilação *Le Spleen de Paris*.

Esta obra de juventude, cuja inspiração deriva de Caravaggio e da pintura holandesa de género do século XVII, inscreve-se dentro de uma tradição realista de representação, com um parapeito de pedra a delimitar o espaço da composição. Ao tema imediato do quadro, um retrato, Manet associa um outro, a natureza morta, constituindo as cerejas uma alegoria dos sentidos. Existe, por outro lado, um conceito de modernidade subjacente à representação do quotidiano como tema de pintura, conceito que se inscreve numa óptica

baudelaireana de afirmação da realidade contemporânea. Parece certo, entretanto, que Manet tenha refeito as mãos do rapaz, já que estas evidenciam a qualidade plástica e estilística característica de trabalhos de execução posterior.

■ **Lúisa Sampaio**

Édouard Manet

O rapaz das cerejas

Assinado em baixo à direita: "ed. Manet"

França, c. 1858

Óleo sobre tela

65,5 x 54,5 cm

Proveniência: Eugène Manet; Venda dos herdeiros Manet, 4-5 de Maio de 1884, nº 23; Durand-Ruel; Coleção Maurice Leclanché. Adquirido por intermédio de Bernheim Jeune, em 19 de Abril de 1910.



JOÃO GALRÃO #38

Uma tela branca de centro liso é esticada nos bordos, como um lençol agredido pelos feitios dados à madeira, a partir das grades.

A componente escultórica coexiste com a pictórica. A tela pintada e a sua colocação na parede começam por dar a ver um objecto que é uma pintura monocromática; a pintura afirma-se enfaticamente como tal. A sua vocação escultórica advém, depois, de uma espécie de rebeldia da superfície bidimensional, que se altera como se respirasse e crescesse em direcção ao espaço, tentando ultrapassar os seus limites. A matéria uniforme e luminosa da tela branca tem uma densidade mínima, de forma a que o desenho do seu avanço para a escultura se evidencie. Um vazio aparente surge como lugar de uma pulsação, de preparação de um surgimento, representação de um potencial. O perímetro da figura

torna-se o lugar privilegiado dessa irrupção, como se os bordos de um objecto, as suas fronteiras, fossem o lugar em que a agitação se permite e facilita.

A pintura em negação de si própria (tela branca) corresponde, então, à condição do crescimento da obra como objecto. ■

Leonor Nazaré

João Galvão

#38, 2003

acrílico sobre tela

132 x 130 x 20 cm

Nº inv.: 03P1256

JANEIRO AGENDA

EXPOSIÇÕES

Horário de abertura das exposições, 10h às 18h
[encerradas às segundas-feiras]

CONTINUAM...



WELTLITERATUR: MADRID, PARIS, BERLIM, SÃO PETERSBURGO, O MUNDO! ATÉ 4 JANEIRO

Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian
€4



HORIZONTES WALTERCIO CALDAS

ATÉ 11 JANEIRO
Centro de Arte Moderna, piso 0
Comissário: Jorge Molder
€4 (inclui entrada na exposição Apresentação da Coleção)

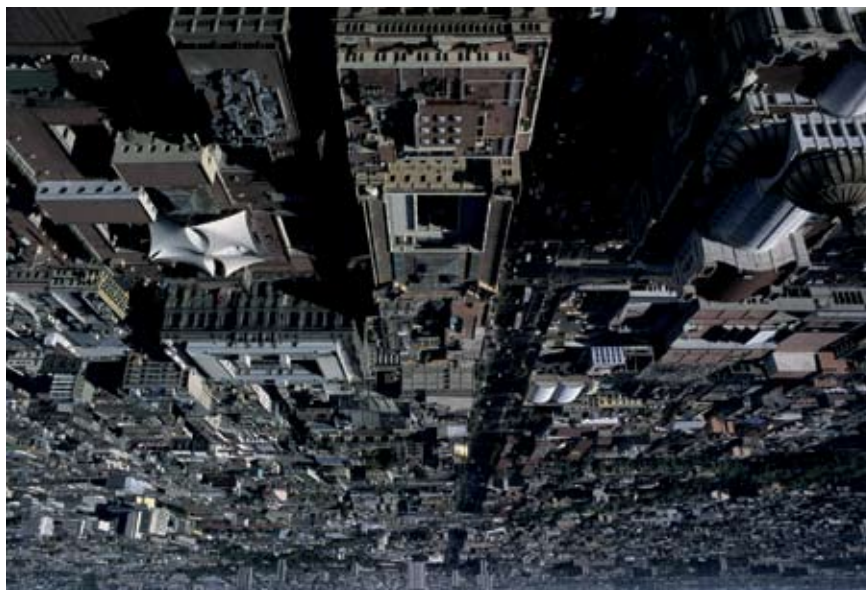
APRESENTAÇÃO DA COLEÇÃO DO CAM

ATÉ 11 JANEIRO
CAM, Piso 01 e 1
Apresentação de obras do primeiro e segundo modernismos, surrealismo e expressionismo dos anos 40 (inclui entrada na exposição Horizontes)



7 ARTISTAS AO 10º MÊS

ATÉ 11 JANEIRO
Piso 01
Joana Bastos, Eduarda Silva, Sérgio Dias, Raquel Feliciano, André Gonçalves, João Ferro Martins e Jorge Maciel, sete novos artistas expõem as suas obras numa mostra comissariada por Filipa Oliveira.
Entrada livre



40 CARTAZES EM EXPOSIÇÃO, 1994-2008

ATÉ 22 FEVEREIRO
Centro de Arte Moderna, Galeria de Exposições Temporárias
Michel François em colaboração com Richard Venlet
Entrada livre

UMA OBRA EM FOCO As 53 ESTAÇÕES DO TOKAIDO

ATÉ 31 MAIO
Galeria de exposição permanente do Museu
€4 (entrada no museu)

EVENTOS

Todos os eventos são de entrada livre.



CICLO DE CONFERÊNCIAS DARWIN: NO CAMINHO DA EVOLUÇÃO

COMO NOS TORNÁMOS HUMANOS?

21, QUARTA, 18H00

Auditório 2

Eugénia Cunha, Universidade de Coimbra

MÚSICA

CONCERTOS DE DOMINGO

11, DOMINGO, 12H00

Átrio da Biblioteca

Rui Paiva ÓRGÃO

Quarteto Arabesco

Denys Stetsenko VIOLINO

Raquel Cravino VIOLINO

Lúcio Studer VIOLETA

Ana Raquel Pinheiro VIOLONCELO

Biagio Marini, Dario Castello, Giuseppe Sammartini,

Johann Rosenmuller, Carl Philipp Emanuel Bach

CICLO DE MÚSICA ANTIGA

ORQUESTRA DE CÂMARA DE BASILEIA

11, DOMINGO, 19H00

Grande Auditório

Marijana Mijanovic MEIO-SOPRANO

Georg Friederich Händel, Antonio Vivaldi

CICLO DE PIANO

12, SEGUNDA, 19H00

Grande Auditório

Nikolai Lugansky PIANO

Leos Janáček, Fryderyk Chopin, Sergei Rachmaninov

CICLO NOVOS INTÉRPRETES

13, TERÇA, 19H00

Auditório Dois

Samuel Bastos OBOÉ

Susana Janeiro FAGOTE

Sara Mendes PIANO

Georg Philipp Telemann, Robert Schumann, Francis Poulenc,

Akira Nishimura, Vinko Globokar

ORQUESTRA GULBENKIAN

15, QUINTA, 20H00

19, SEGUNDA, 20H00

Grande Auditório

Lawrence Foster MAESTRO

Deborah Polaski SOPRANO

Rosalind Plowright SOPRANO

John Botha TENOR

Regina Schörg SOPRANO

Jochen Schmeckenbecher BARÍTONO

Elektra Ópera em versão de concerto

Richard Strauss

CICLO GRANDES ORQUESTRAS MUNDIAIS

ORQUESTRA DO TEATRO MARIINSKY

17, SÁBADO, 21H00

Coliseu dos Recreios

Valery Gergiev MAESTRO

Igor Stravinsky, Claude Debussy

CICLO DE PIANO

18, DOMINGO, 19H00

Grande Auditório

Murray Perahia PIANO

Johann Sebastian Bach, Ludwig Van Beethoven,

Johannes Brahms

CICLO DE MÚSICA ANTIGA

VOX BRASILIENSIS

21, QUARTA, 19H00

Academia das Ciências

Rosana Lanzelotte PIANOFORTE

Guilherme de Camargo GUITARRAS

Rosemeire Moreira SOPRANO

Tiago Pinheiro TENOR

Ricardo Kanji FLAUTAS E DIRECÇÃO

Música no Brasil Colonial I

António da Silva Leite, Marcos Portugal, José Mauricio

Nunes Garcia, Sigismud Neukomm, José Francisco Leal,

Candido Ignácio da Silva

CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

27, TERÇA, 20H00

31, SÁBADO, 20H00

Grande Auditório

Lawrence Foster MAESTRO

Silvana Dussman SOPRANO

Heidi Brunner SOPRANO

John Botha TENOR

Arutjun Kotchinian BAIXO

Joana Seara SOPRANO

Marcos Santos TENOR

Norma Ópera em versão de concerto

Vincenzo Bellini

CORO E ORQUESTRA GULBENKIAN

29, QUINTA, 20H00

Grande Auditório

Lawrence Foster MAESTRO

Iano Tamar SOPRANO

Jochen Schmeckenbecher BARÍTONO

Eliana Pretorian SOPRANO

Alan Woodrow TENOR

Stella Grigorian MEIO-SOPRANO

Joana Seara SOPRANO

Médée Ópera em versão de concerto

Luigi Cherubini

DESCOBRIR...

PROGRAMA GULBENKIAN EDUCAÇÃO PARA A CULTURA

Não é necessária marcação prévia, excepto onde assinalado

ADULTOS | ACTIVIDADES EDUCATIVAS

UMA OBRA DE ARTE À HORA DE ALMOÇO

CABEÇA DE SENUSERET III

3, QUARTA, 13H30 ÀS 14H00

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA | €5

DOMINGOS COM ARTE

HORIZONTES DE WALTERCIO CALDAS

4, DOMINGO, 12H00 ÀS 13H30

Centro de Arte Moderna

VISITA | Entrada livre

PERCURSOS TEMÁTICOS

RETRATOS PINTADOS, RETRATOS ESCULPIDOS

6, TERÇA 15H00 ÀS 16H00

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA | €5

HEROÍNAS FATAIS NA HISTÓRIA DA ÓPERA

6 E 7, 13 E 14, TERÇA E QUARTA, 18H30 ÀS 20H30

Edifício Sede, piso 01

CURSO | €40 [4 sessões]

Requer marcação prévia

UMA OBRA EM FOCO

AS 53 ESTAÇÕES DO TOKAIDO

8, 15, 22 E 29, QUINTA, 15H00 ÀS 16H00

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA | €5

DOMINGOS COM ARTE

7 ARTISTAS AO 10º MÊS

11, DOMINGO, 12H00 ÀS 13H30

Edifício Sede, piso 01

VISITA | Entrada livre

ARTE ORIENTAL

(1ª E 2ª PARTES)

14 E 16, QUARTA E SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

Museu Calouste Gulbenkian

ACÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO ÀS COLECÇÕES DO MUSEU

PARA GUIAS, TRADUTORES, INTÉRPRETES, ALUNOS DE CURSOS

SUPERIORES DE TURISMO E ALUNOS DE HISTÓRIA DE ARTE

CURSO | Entrada livre

Requer marcação até 8 dias antes

UMA OBRA DE ARTE À HORA DE ALMOÇO NO CAM

LE MONDE ET LE BRAS

DE MICHEL FRANÇOIS

16, SEXTA, 13H15 ÀS 13H30

Centro de Arte Moderna

VISITA | Entrada livre

IDEIAS PARA DIAS DE CHUVA

DA DESPENSA PARA A PALETA,

PINTAR COM MATERIAIS DE COZINHA!

17, SÁBADO, 15H00 ÀS 18H00

Centro de Arte Moderna

OFICINA PARA PAIS CRIATIVOS | €7,5

Requer marcação prévia

DOMINGOS COM ARTE

40 CARTAZES EM EXPOSIÇÃO, 1994-2008

MICHEL FRANÇOIS EM COLABORAÇÃO

COM RICHARD VENLET

18, DOMINGO, 12H00 ÀS 13H30

Centro de Arte Moderna

VISITA | Entrada livre

ARTE EUROPEIA (1ª E 2ª PARTES)

21 E 23, QUARTA E SEXTA, 10H30 ÀS 12H00

Museu Calouste Gulbenkian

ACÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO ÀS COLECÇÕES DO MUSEU

PARA GUIAS, TRADUTORES, INTÉRPRETES, ALUNOS DE CURSOS

SUPERIORES DE TURISMO E ALUNOS DE HISTÓRIA DE ARTE

CURSO | Entrada livre

Requer marcação até 8 dias antes

ISTO É ARTE? PRÁTICAS ARTÍSTICAS

NA CONTEMPORANEIDADE

24 E 25, SÁBADO E DOMINGO,

10H00 ÀS 13H00 E 14H30 ÀS 17H30

Edifício Sede, sala 3

CURSO | €50

Requer marcação prévia

DOMINGOS COM ARTE

PELO MAR FORA, DA HOLANDA ATÉ À ÍNDIA

25, DOMINGO, 11H00 ÀS 12H00

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA | €5

PARA OS MAIS NOVOS

Todos os eventos requerem marcação prévia.
A partir de agora todas as marcações são feitas através de um único número e endereço electrónico.

Informações e reservas

Para todas as actividades educativas (mais novos e adultos)
Segunda a Sexta, 10h30 às 12h30 e 15h00 às 17h00
Tel: 21 782 38 00 / Fax: 21 782 30 14
email: descobrir@gulbenkian.pt

PELOS CAMINHOS DO MUSEU A NATUREZA DE OLHOS ABERTOS, A NATUREZA DE OLHOS FECHADOS

3, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30
À DESCOBERTA DAS CORES
4, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30
Museu Calouste Gulbenkian
4 AOS 7 ANOS | 8 AOS 12 ANOS

VISITA OFICINA

€7,5

IDEIAS IRREQUIETAS ORELHAS DE BORBOLETA

4 E 18, DOMINGO,
10H00 ÀS 11H00 E 11H30 ÀS 12H30

Centro de Arte Moderna
2 AOS 4 ANOS + ADULTO

OFICINA DE CONTOS

€7,5 [criança e um adulto]

€3 [cada criança adicional por família]

LIVROS COM MUITA ILUSÃO PARA HABITAR PARA ALÉM DA VISÃO

Centro de Arte Moderna
10, SÁBADO, 15H30 ÀS 17H30
6 AOS 10 ANOS

€7,5

11, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

4 AOS 6 ANOS + ADULTO

OFICINA

€7,5 [criança e um adulto]

€3 [cada criança adicional por família]

PELOS CAMINHOS DO MUSEU CRIANÇAS COMO NÓS:

NA FRANÇA DO SÉCULO XVIII

10, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

A ARTE E A TERRA: MATERIAIS NATURAIS

11, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

Museu Calouste Gulbenkian

4 AOS 7 ANOS | 8 AOS 12 ANOS

VISITA OFICINA

€7,5

RISADAS MUSICAIS OS HUMORES NA MÚSICA

10 E 17, SÁBADO, 10H00 ÀS 12H00

Música - Edifício Sede

6 AOS 9 ANOS | 10 AOS 12 ANOS

OFICINA

€7,5

OS MEUS PRIMEIROS SONS

10 E 24, SÁBADO, 10H00 ÀS 11H00, 11H00 ÀS 12H00,
15H00 ÀS 16H00 E 16H00 ÀS 17H00

Música - Edifício Sede

1 AOS 3 ANOS + ADULTO

VISITA MUSICAL

€7,5 [bebé e adulto] | €15 [bebé e dois adultos]



Programa Gulbenkian Educação para a Cultura

Descobrir

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

MARES, RIOS E LAGOS

17, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

BANCOS, BANQUETAS, CADEIRAS E SOFÁS

18, DOMINGO, 10H30 ÀS 12H30

4 AOS 7 ANOS | 8 AOS 12 ANOS

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA OFICINA

€7,5

DESPERTAR PARA A MÚSICA

24, SÁBADO, 10H00 ÀS 11H30

Música - Edifício Sede

3 AOS 5 ANOS

VISITA MUSICAL

€5

PELOS CAMINHOS DO MUSEU

AZULEJOS E PADRÕES IZNIK

24, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

4 AOS 7 ANOS | 8 AOS 12 ANOS

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA OFICINA

€7,5

OFICINA PARA NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS

MEU ROSTO TEU

24 E 31, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H00

Centro de Arte Moderna

Famílias com crianças com deficiência mental
e/ou autismo

€7,5 [família / 2 sessões]

MUSEU EM FAMÍLIA

ARTES DO JAPÃO

31, SÁBADO, 14H30 ÀS 16H30

4 AOS 7 ANOS | 8 AOS 12 ANOS + ADULTO

Museu Calouste Gulbenkian

VISITA OFICINA

€7,5 [criança e um adulto]

€3 [cada criança adicional por família]

VAMOS INVENTAR UM CONCERTO

31, SÁBADO, 10H00 ÀS 12H00

10 AOS 12 ANOS | 13 AOS 17 ANOS

Música - Edifício Sede

OFICINA

€7,5

EXPERIÊNCIAS NO PARAÍSO

Malas de actividades com jogos, histórias e materiais para experimentar o jardim, seguindo diferentes mapas/percursos (sem orientador). As malas são utilizadas pelas famílias e são requisitadas na livraria da Sede da Fundação | €5 [máx. de 3 horas]

Cartão Gulbenkian

O cartão Gulbenkian oferece inúmeras vantagens aos seus portadores nas actividades desenvolvidas pela Fundação.

Informação privilegiada sobre a programação da Fundação.

Acesso gratuito ao Museu Calouste Gulbenkian, Centro de Arte Moderna e às Exposições Temporárias.

- Descontos nas lojas da Fundação.
- Descontos nos concertos da Temporada de Música.
- Descontos para famílias nas actividades do Programa Gulbenkian Educação para a Cultura - Descobrir.

